

CÍRCULOS QUE NÃO FECHAM

DAS OFICINAS BIOGRÁFICAS
DE PROJETO À CONSTRUÇÃO
DE LAÇOS HUMANOS
NA UNIVERSIDADE

ELSA LECHNER

KARLLA CHRISTINE ARAÚJO SOUZA

(ORGS.)



**CÍRCULOS QUE NÃO FECHAM: DAS OFICINAS BIOGRÁFICAS DE
PROJETO À CONSTRUÇÃO DE LAÇOS HUMANOS NA UNIVERSIDADE**

ELSA LECHNER
KARLLA CHRISTINE ARAÚJO SOUZA
(ORGS.)

MOSSORÓ
MARÇO/2024





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros



Conselho Editorial da Edições Uern

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Círculos que não Fecham: das oficinas biográficas de projeto à construção de laços humanos na Universidade [recurso eletrônico]. / Elsa Lechner, Karlla Christine Araújo Souza (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

68 p.

ISBN: 978-85-7621-479-3 (E-book).

1. Pesquisa Biográfica. 2. Métodos e técnicas de Pesquisa. 3. Método Biográfico. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 001.4

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO – Narrativas em coletivo e o coletivo narrado: oficinas biográficas de projeto com estudantes universitários e investigadores no Brasil.....	21
RELATOS - Reflexões sobre a experiência de participação nas oficinas biográficas.....	33
Joriana de Freitas Pontes – “Oficina biográfica: Nós, Vozes e Elos”.....	34
Kleber Farias de Medeiros: “Escutas além dos saberes canônicos - reflexões e acentos”..	36
Luiz Antônio Gomes Lopes - “Oficina de projeto: para quem busca caminhos.”.....	38
Maria Clara Fernandes Araujo de Paiva – “Entre furos, linhas e nós: uma costura autobiográfica a partir do encontro com a diferença”.....	40
Maria da Conceição Fernandes de França – “Histórias de si, histórias em mim: as narrativas infindas através do método biográfico”.....	42
Marcus Vinícius Filgueira de Medeiros – “A Oficina de projeto: Um momento de devir em coletivo”.....	44
Isabel Cristine Machado de Carvalho – “Sobre uma experiência mobilizadora de esperança, de sonho e de nutrição”.....	46
Alexia Lima Ribeiro – “Com outros olhos para o mundo”.....	48
Andreza Lima de Medeiros – “Uma humana ciência”.....	49
Valtenci Lima de Oliveira – “Uma ferramenta fundamental para a academia e a sociedade”.....	52
Brígida Cavalcanti Alves – “Um saber-fazer face à rigidez das instituições”.....	54
Cícera Pinheiro Batista – “Oficina de Projeto: um infundável aprendizado”.....	55
Thiago Isaias Nóbrega de Lucena – “No limite circular entre razão e sensibilidade”.....	57
Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos - “Deixar, e deixar-se, SER”.....	59
Miriam Flávia de Araújo – “Aprender a ouvir”.....	60
Paulo Dourian Pereira de Carvalho – “Oficina de projeto: a produção de conhecimento humanizante”.....	62
Patrícia Rilliane Gomes da Silva – “Um exercício excepcional que a universidade deve deixar de atropelar”.....	64
Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano – “Uma oficina de biobordados”.....	66
NOTAS FINAIS.....	68

APRESENTAÇÃO

Este livro tem o objetivo de apresentar reflexões e efeitos do método das oficinas biográficas como pesquisa-formação junto de estudantes de mestrado e doutorado da UERN e UFRN. Por meio da experiência das oficinas biográficas focadas nos projetos de pesquisa e da produção de escrita autobiográfica enquanto objeto de análise em grupo, são aqui relatadas as vivências pelos/as próprios/as oficinairos/as durante uma semana de atividades em torno do Método Biográfico. Estas ocorreram na cidade de Natal no Estado do Rio Grande do Norte, no Brasil, em inícios de julho de 2022. O evento aconteceu em parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), representado pela Professora Doutora Karlla Araújo, e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), representado pelo Professor Doutor Orivaldo Lopes, com a participação especial¹ da Pesquisadora e Professora Elsa Lechner do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, dinamizadora das oficinas.

O que ora apresentamos é um portfólio da escrita de síntese dos/das oficinairos/as feita no momento posterior à vivência do grupo **sobre** a experiência vivida por cada participante. Organizado em uma ordem aleatória, este livro dá a conhecer os relatos de Joriana de Freitas Pontes, Kleber Farias de Medeiros, Luiz Antônio Gomes Lopes, Maria Clara Paiva, Maria da Conceição Fernandes de França, Marcus Venícius Filgueira de Medeiros, Isabel Cristine Machado de Carvalho, Alexia Lima Ribeiro, Andrezza Lima de Medeiros, Valtenci Lima de Oliveira, Brígida Cavalcante Alves, Cícera Pinheiro Batista, Thiago Isaías Nóbrega de Lucena, Francesca Katiúscia de Albuquerque Vasconcelos, Miriam Flávia de Araújo, Paulo Dourian Pereira de Carvalho, Patrícia Gomes Da Silva e Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano, que são autores coparticipes desta obra, a quem agradecemos a autorização de publicarmos os resultados desta experiência na forma de um contributo escrito que responde aos impactos das oficinas, explicitamente em suas impressões individuais e coletivas.

O texto se dispõe de forma contígua, sem separação por capítulos e dirige-se àqueles interessados no Método Biográfico, mais especificamente nas oficinas biográficas enquanto espaço de pesquisa e formação. Estas oficinas têm como ancoradouro teórico-metodológico a pesquisa interdisciplinar desenvolvida por Elsa Lechner em seu percurso de investigação-formação biográfica efetivado ao longo de experiências práticas afinadas junto a públicos diversificados, dentre os quais pesquisadores e estudantes universitários de vários países (LECHNER, 2023).

¹ Apresente publicação resulta de trabalho desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Financiamento Plurianual de Unidade I&D (UIDP/50012/2020).

Enquanto metodologia de trabalho adotada para este encontro em Natal-RN, houve inicialmente a divulgação do evento e abertura das inscrições, seguidas de um texto explicativo para os inscritos que versava sobre a tarefa esperada. Na Conferência de abertura os/as inscritos/as receberam novas instruções orais sobre as oficinas. A orientação foi a de que cada um/uma deveria levar um texto de no máximo uma página que contemplasse o tema e as motivações para sua pesquisa, as dificuldades encontradas no percurso, as inquietações e dificuldades sentidas até aquela ocasião. Esta etapa faz parte de uma das fases integrantes da metodologia de dinâmica de grupo desenvolvida por Lechner e detalhada a seguir:

No desenrolar de três dias de trabalho em grupo, alternam-se de forma ordenada, mas flexível, os seguintes momentos pedagógicos:

Uma introdução: pressupostos teóricos, regras, contrato e funcionamento da oficina.

Fase de entrada em relação no grupo: exercícios de movimento corporal e de escuta.

Fase de escrita autobiográfica a partir de uma frase igual para todo/as, por exemplo: Eu nasci... (todos/as escrevem duas páginas).

Fase de partilha das narrativas escritas (cada um/a lê e escuta).

Fase de partilha de comentários (ressonâncias e resposta dos narradores aos narratários).

Fase de síntese: aplicabilidade da experiência vivida nas pesquisas de cada participante. (LECHNER, 2012, p.77).

Conforme descrição, nota-se que a oficina de projeto dimensiona o caráter de escuta que lhe constitui, uma vez que é proporcionada a escuta de cada participante, seguida da troca de impressões de cada um dos/das investigadores/as sobre aquilo que foi lido e ouvido. Segundo a autora: *“Tanto o exercício da escrita, como o de leitura e de escuta/ressonância/ comentário são experiências de descoberta (de si e do Outro) que nós usamos como exemplo concreto do que é fazer pesquisa biográfica em terrenos sociais”* (LECHNER, 2012, p. 75). Para ilustrar a descoberta do trabalho junto aos interlocutores, damos destaque à escrita participativa de Maria Clara Paiva quando questiona: *“Aliás, o que pode de mim emergir diante daquilo que não é meu, mas que experiencio a partir de outra posição?”*.

Sobre o efeito que cada um tem a causar no/na outro/outra, trata-se de um conhecimento experiencial que nas oficinas parece se entrelaçar na surpresa de um encontro extra-quotidiano em grupo e, também, pela descoberta de experiências comuns na diferença e apesar das singularidades de cada participante. Luiz Antônio Lopes foi encontrar esse lugar comum nas experiências de tristeza, dores e sofrimentos, como ensejo para *“Reconhecer um pouco de nós nos outros e um pouco dos outros em nós”*.

De acordo com Marie-Christine Josso (2010), a implicação pessoal pode ser compreendida em diferentes atitudes que, desde logo, manifesta-se na aceitação do sujeito em participar de um trabalho biográfico para efeitos formativos ou de pesquisa. Outra aprendizagem torna-se patente pelo aceite de um trabalho socializado, quando a implicação inicial livremente aceita pode ser colocada à prova ao ser reverberada e rediscutida. Nas palavras de Josso: *“é*

posta à prova pelos atos: falar de si oralmente, ser comentado, ouvir-se (...), questionar, escutar, dizer o que se percebeu, escrever sobre si, ser lido, ouvir-se falar, etc.” (JOSSO, 2010, p. 251).

Por sua via, o trabalho de escrita posterior reflete igualmente uma dimensão da implicação. O dizer sobre a formação ao final é um pacto de compromisso com a produção do conhecimento. Escrever sobre a formação só depois que ela aconteceu e, após tantas outras escutas, retorna para o sujeito enquanto implicações: “*peçoal, afetiva e intelectual*”. (JOSSO, 2010, p. 251).

A cada um/uma, no seu instante subjetivo, a aprendizagem e a implicação de si podem ocorrer em seu tempo. Contudo, ocorre frequentemente na mobilização afetiva que provoca a recordação dos acontecimentos da vida. Tal fenômeno é pululante no relato dos oficinairos que pactuaram esta experiência. Vê-se afirmado em diferentes memórias e citado por diferentes oficinairos, como salienta Miriam Flávia de Araújo: “*(...) retornar à universidade depois de quase dois anos e meio devido à pandemia. Circular nos corredores do Departamento de Ciências Sociais me trouxe memórias de um tempo o qual fiz mestrado. Ali, aprendi muito e vivi experiências que só a universidade nos proporciona*”.

Para Josso (2010), é importante notar que muitos tomarão consciência do fato de que é possível gerar a articulação entre afetividade e intelecto para produzir um conhecimento “sensato”, um pensamento que visa um horizonte de conhecimento tangível e que produz sentido para si e é compreensível para os outros: Isto pode ser refletido na autoafirmação premente quando os sujeitos se dão conta dos efeitos de reavaliação do seu projeto de formação na universidade e a ideia que faziam/fazem do seu percurso, o que está latente nos relatos mutuamente referenciados de Andrezza Lima de Medeiros:

A primeira pessoa a falar no meu grupo foi Alexia, que está no 1º semestre da graduação no curso de Humanidades (UFRN), e antes de iniciar sua fala, sua emoção chegou primeiro. Acredito que essas lágrimas nos deslocaram para um outro tempo e um outro espaço. (...)

A força existente na emoção de Alexia me fez perceber, mesmo sem ela mencionar, sua luta interior para estar ali como aprendiz do início de um curso, mas ensinando que as grandes lições humanas continuam passando pela humildade e capacidade de sentir.

Dito pelo prisma de Alexia Lima Ribeiro:

(...) e eu sendo a primeira a falar, fiquei bastante nervosa e não consegui escrever muita coisa. Ao começar a externalizar minhas palavras logo me emocionei, pois foi um momento em que eu pensei em vários aspectos da minha vida, minha trajetória até ali e o que seria de mim dali para frente.

Implicação não significa apenas aprofundamento, aproximação. Um forte pacto com a implicação ocorre na necessidade de distanciamento, sobretudo, no momento de escuta à ressonância, do comentário da narrativa de si feito pelos outros, quando cada interlocutor tem a oportunidade de comentar e o autor responder as análises de seus interlocutores. A depender dos comentários e da reação do autor, será possível aceitar conscientemente as reformas que interessam à pesquisa. Sobre a aprendizagem da implicação /distanciamento, podemos vislumbrá-la nas impressões de Cícera Pinheiro Batista:

Algo interessante que aconteceu durante a oficina, foi o momento em que tive de falar das minhas motivações para minha pesquisa. Pois entendi a partir da ressonância que os participantes fizeram sobre minha exposição, que eu tenho evitado tratar de mim na escrita, que não tenho aparecido como deveria nesse processo. Percebi nas minhas falas a rigidez com que cobro de mim uma distância, entre minha pesquisa e minhas motivações, talvez imperceptível para as pessoas do meu entorno, mas que aos poucos se torna mais claro para mim.

Outra dimensão que se põe à vista nos escritos aqui introduzidos, é o caráter político-social da partilha. Quando o sujeito se coloca numa posição de análise e compreensão de sua história, tende a avaliar sua condição emancipatória e pensar em estratégias de abrir-se a novas possibilidades em sua vida. Isso acontece quando o sujeito se torna um “Ser-Mais” (FREIRE, 1988). Esta implicação tem a ver com a maneira de contar a própria vida e escolhas individuais de formação com olhar para os confrontos que são necessários admitir enquanto sujeitos singulares e históricos. Seguramente, o distanciamento deve ser acionado quando o sujeito se coloca na posição social a que pertence e os outros não experienciam da mesma condição, é importante ter senso crítico para que as divergências não reforcem posições hierárquicas díspares e desiguais.

Quanto ao espaço da escuta, esta não deve ser considerada uma escuta terapêutica ou psicanalítica, muito embora possa ser incluída no campo moderno das escutas ritualizadas, conforme Michel Foucault (1988) caracteriza. Todavia, é um espaço de escuta contrário à experiência da solidão moderna, entra no atributo da pluralidade das técnicas de si experienciadas enquanto dispositivo da humanidade (FOUCAULT, 1988). Nesse sentido, a escuta deve ser a do reconhecimento do Eu no Outro, ao mesmo tempo próximo e distante, e que responde a um sentimento, mesmo que transitório de uma “comunidade de existência” (DELORY-MOMBERGER, 2014).

Esta breve análise das oficinas acabadas e descritas pelas mãos dos oficinairos não encerra os desdobramentos e interpretações de cada uma das narrativas. Aconselhamos

múltiplos olhares para conhecimento e reconhecimento dos relatos. Para quem quiser desdobrar seu valor enquanto documento científico, insuflamos que não há uma chave de leitura, cada investigador deve seguir as pistas que cada autor deixa em seu texto sobre a consciência de si e a prática da autopoietica (JOSSO, 1991), entendida enquanto uma maneira de dizer a si mesmo, reinventar a própria história, reinserir-se no contexto de produção do conhecimento e perceber o próprio trajeto de formação.

Não há nenhuma pretensão para descrição do transcorrer factual da situação. As oficinas no campo da formação podem ser descritas enquanto “arte formadora da existência”, (PINEAU, 1996) em que a narrativa não é mais considerada apenas numa perspectiva de pesquisa, mas também política e existencial nas quais os discursos de si, considerados em sua contextualização histórica, remetem a relações de força específicas e retomam as relações de singularidade e pluralidade, indivíduo e coletividade (DELORY- MOMBERGER, 2014).

No campo de preocupações com a natureza da fonte e suas condições de produção, deve-se fazer referência ao contexto do qual emerge o conteúdo desta obra. No que contemple o conjunto de procedimentos, já mencionados, salienta-se a interface escritura-oralidade. Primeiramente, há um exercício solitário de escrita do texto biográfico-investigativo. Na sequência, a palavra escrita se torna oralidade dirigida à presença de quem fala, quem faz a mediação e dos vários ouvidos que escutam no grupo da oficina. Estes, por sua vez, serão convocados a doarem seus comentários/ressonâncias elaborados no calor da ocasião. Após esta sequência de fala (de si) - escuta (de todos) - fala (do outro/da Outra), conduzidas pela interação face a face, retorna-se ao exercício solitário de produção de nova escritura com vistas a considerar o todo do processo.

Um aspecto essencial desse processo de formação que integra narrativas sobre histórias de vida é que no contexto das instituições de ensino ele está afastado para o lado de lá das fronteiras disciplinares e das práticas estabelecidas. Eles não estão previstos nos programas tradicionais da aquisição de saberes. As oficinas biográficas de projeto no espaço universitário são um convite aos saberes não-formalizados que os sujeitos mobilizam em suas experiências de vida na construção de suas relações afetivas, sociais e políticas. Saberes indispensáveis para a tomada de poder sobre sua formação e o poder-saber que forma a si mesmo em respeito à história de sua vida e ao sentido que atribui para a finalidade de uma pesquisa (LECHNER, 2023).

Passamos a comentar um a um os relatos posteriores a cada oficina, com a intenção de enfatizar que estes são os componentes centrais desta coletânea de textos. Na sequência que apresentamos, temos o primeiro relato, que tem como título um trocadilho poético: “Oficina Biográfica: Nós, Vozes e Elos” de Joriana de Freitas Pontes, que toma como referência inicial a Profa. Dra. Elsa Lechner enquanto presença afetiva e rigorosa, ancoradura de todo o

processo. Na teia de seu texto, ela tece muitos afetos e propõe explicitar a singularidade de cada um dos componentes da oficina, vislumbrando suas colaborações textuais e não textuais enquanto sabedorias de vida. O texto de Joriana Pontes está eivado de poesia. Entre sínteses, análises, descrições, há espaço para a poética do ser e do existir, tal qual nesta frase em destaque: “Ah o tempo que tece seus fios costurando nossos corpos em memórias e narrando a existência humana”. A síntese para seu construto pode ser traduzida por “caminhar com”, enquanto forma de reconhecer a humanidade nos processos de vida e de aprendizagem. Isto porque, nome a nome dos participantes são citados, assim como sua mãe é lembrada e as professoras envolvidas, de onde se reconhece a referência em forma de reverência à outridade, não apenas como portadora de saberes e experiências, mas também primordiais para o reconhecimento de si e de seu próprio percurso.

O testemunho de Kleber Farias de Medeiros concede um lugar importante para as ciências sociais e humanas, ao mesmo tempo em que expõe uma imputação, a de que as pesquisas com e sobre as humanidades não são consideradas relevantes. Assim como, no seio dessa ciência humana, seus conflitos, os problemas sociais, as estruturas patriarcais opressoras não são confrontadas com a devida atenção. Então, assevera que a oficina biográfica trouxe a lume esses assuntos negligenciados. O autor apresenta-se enquanto sujeito crítico e reflexivo, ao mesmo tempo, identificando-se e criticando sua experiência formativa. Seu texto caminha de uma abordagem biográfica da formação do sujeito para uma crítica à formação da ciência. As luzes do Iluminismo que fundaram a ciência moderna diluem-se e personificam-se na figura da “Professora Luz”, aquela que possibilita “tornar visível o que muitos fingem não ver”. Mas em seu relato, Kleber Medeiros dá a ver uma produção poética de sua autoria, a Canção do Apelo, enquanto paródia contra-colonial à poesia de Gonçalves Dias. Vale a pena conhecer!

A poesia não para por aí. O texto de Luiz Antônio Gomes Lopes está repleto dela, excertos de poetas e literatos parecem contar das experiências de Luiz. Não bastasse a complexidade em torno da ideia de humanidade, o autor costura sua ideia com as belezas poéticas de Vinícius de Moraes, Rubem Alves, Caetano Veloso e Manoel de Barros, esses artesãos da palavra que sabem dizer “a dor e a delícia” do ser e do existir. Para falar do que é comum àquilo que une esta humanidade, Lopes lembra a tristeza enquanto condição ontológica e portadora da sabedoria da compaixão. Seu texto revela a sutileza do reconhecer-se no/na outro/outra e a dialética do existir. O autor fala de si pelo outro, embora inicie apresentando seu percurso formativo multirreferencial que deixa manifestar o caráter interdisciplinar das oficinas de método biográfico. Do fenômeno ao ato, Luiz traduz em poesia o feito da oficina de projeto. Salve!

Maria Clara Fernandes Araújo de Paiva elucida a experiência metodológica em evidência para além do seu caráter humanístico ou educativo, coloca-a na posição da pesquisa-formação e sobre o exercício de questionar a si mesma enquanto uma pesquisadora. A autora

questiona o paradigma da neutralidade axiológica na ciência e a relação sujeito-objeto no discurso científico, ou melhor, a negação de si nessa relação. Para ela, este movimento faz parte do temor de revelar-se a si mesmo, quando se diz do próprio objeto de desejo. O seu texto exalta o experimento do pôr-se em relação e interpõe-se em relação com o texto de Joriana Pontes, quando lembra que os nós são sobre nós mesmos, mas são também de entrelaçamentos. A autora aproxima suas preocupações autobiográficas às analíticas e diz como ela vai se inscrevendo no trabalho científico, em particular, nos seus dilemas de ser aceita por este outro ao qual está disposta a pôr-se em relação, apesar da rejeição. Seu relato é um convite a uma ciência do sujeito que se conhece na produção do conhecimento.

Também Maria da Conceição Fernandes de França se posicionou no exercício de refletir sobre sua prática de pesquisa. Apresenta temas de pesquisas antecedentes ressaltando o fato de que as vozes, muitas vezes anônimas, estão muito presentes na pesquisa científica. Ao refletir sobre o método biográfico em combinação com a oficina, reconhece que ambos são oportunos porque as pesquisas ensinam: “o importante papel de darem força e som para as narrativas dos sujeitos e suas histórias tão carregadas de vontade de serem ouvidas e de se constituírem como símbolos de luta, resistência e transformações na sociedade”. Ao reconhecer-se no seu percurso enquanto pesquisadora, Maria da Conceição enaltece a possibilidade transformadora que tem o sujeito do conhecimento quando está aberto à experiência de ouvir os outros e com isso, transformar a si e a sociedade.

Marcus Vinícius Filgueira de Medeiros, por sua vez, descreve o processo metodológico a partir do qual a oficina é posta em prática: “planejar a ação, escolher os sujeitos e saber ouvir”. Na dimensão do saber ouvir, Marcus traduz a necessidade da responsabilidade na escuta, que ele define como “escuta precisa e necessária”. Para ele, a responsabilização se dá a partir do respeito e da cautela. Com isso, pontua o caráter educativo do exercício da intersubjetividade praticada no cenário das ressonâncias. A intersubjetividade explorada por meio dos dizeres em presença, que se sobressaem aos interesses do confronto e se unem em pontos, pontos de vista de sujeitos atores que ensaiam o vir a ser de si e do mundo.

É comum que pensemos nas semelhanças que unem. Curiosamente, Isabel Cristine Machado de Carvalho acentua que os círculos (espirais de vozes e escuta) realizam a proeza de unir pelas diferenças. A autora reconecta a escuta com a experiência ancestral e os saberes sagrados da bruxaria. A comparação se justifica pela predisposição à escuta, especialmente a escuta dos silêncios, enquanto lugar de sabedoria e de sensibilidades, de enfretamentos de fissuras e desventuras humanas. Não à toa, a bruxaria é também seu universo de pesquisa de doutoramento. As diferenças colocadas num processo sistêmico resultam nessa concepção de “escuta sagrada” que orienta individual e coletivamente as consciências, os encontros e despedidas dos humanos no mundo. A dimensão do sagrado recuperada por Isabel retoma a

ideia de que escutar a vida e tornar-se confidente dela é uma experiência que só pode ser vivida com integridade e respeito às nossas experiências formadoras.

Acolhimento é o significativo que exprime o relato de Alexia Lima Ribeiro. Assim, ela narrou o acolhimento ao medo, ao choro, ao nervosismo, às inseguranças de uma iniciante e até mesmo de quem tem a tarefa de abrir o círculo e falar primeiro. Mesmo não dispondo de um texto, um projeto com que se guiar, Alexia sentiu-se guiada, pelos mais velhos e pela professora. Ela recupera um aspecto do método que, ao ser colocado em prática, externaliza-se: a emoção. Salvo o estado de comoção que ela passou inicialmente, a emoção se fez presente, isto porque entre o interior e o exterior havia ali uma experiência de muito sentido que ela compreendeu, apesar da suposta incipiência, constituir sua experiência propriamente dita.

Em seguida, vem Andrezza Lima de Medeiros, que não se conteve em expor sua afetação pelo choro de Alexia. Para ela, houve ali uma ruptura de tempo e espaço e o que se via e ouvia não pertencia mais àquele instante, mas à memória. O choro de uma, transportou a outra para o lugar de iniciante também, para onde voltamos invariavelmente, enquanto lugar de experimentação de nós mesmos, conforme suas palavras: “com toda potência de afetos, oralidade, silêncios, diferenças, fragilidades que comportamos em nosso ser”. Ela propõe uma nova definição da escuta: a cidadania da escuta, que podemos compreender também como a “apreciação da escuta e riqueza das relações humanas mais suaves e pertinentes com a construção de um outro mundo possível”. Ao que parece, o que está em jogo é um novo paradigma para a humanidade, a emergência de um processo de autoconhecimento e autoformação enquanto aspectos de civismo e a utilização consciente dos conhecimentos experienciais.

Sobre a cidadania e a dialogia dos conhecimentos experienciais, temos também o relato de Valtenci Lima de Oliveira, um homem entre mulheres, como assim se percebeu. Entre mães, filhas, irmãs, amigas, professoras eicineiras, este homem ressalta que o método das oficinas vê o sujeito por dentro de si. De certo modo, Valtenci admite as mulheres que o habitam e neste admitir afirma que os círculos o fizeram perceber uma experiência de alteridade que informa sobre a “aprendizagem colaborativa” e sobre “deixar o outro ser sem questionar”. O método autobiográfico tem a capacidade de tocar no meio humano e social a partir da multiplicidade de experiências e linguagens que permite tocar. Enquanto exposição de uma encenação individual, tem a aparência de ser apenas uma dramaturgia de afetos e afetações. Ao tornar público o relato, o método elucida que a história escutada passa a ser também a história dos outros, as vivências particulares encontram-se em transação com a infinidade de percurso de outras vivências. Nesse caso, as vivências entre homens e mulheres, tão afetadas pelas hierarquizações de gênero, ficam aqui explicitadas e voltadas para a experiência do método enquanto uma potencialidade discursiva para uma nova prática social.

A busca do saber escrever e do ouvir enquanto busca de uma sabedoria de vida estão latentes na escrita de Brígida Cavalcanti Alves. Ela afirma ter entrado na oficina como curiosa, mas saiu fazendo a escolha de escrever em nome próprio, de escrever aquilo que sentimos bem na nossa pele. As expectativas diante da oficina chegaram para ela de forma despretensiosa, mas logo se apresentou como uma possibilidade de reconhecer a própria história, quando o nome próprio, se torna o próprio da vida. Ao que parece, Brígida Alves, que pesquisa sobre racismo, viu sua história antecipar sua escolha de pesquisa. Tudo já estava ali, desde antes. No meio de uma pesquisa, o encontro com a oficina, foi o reencontro com a vida, onde a “dureza” da escrita foi diluída pela “fineza” da escuta. De acordo com Marie-Christine Josso:

A abordagem ‘História de Vida’ constitui uma oportunidade para que o indivíduo tome consciência para os (...) eixos que estruturam a formação de sua existencialidade, o que evidencia a importância de um sujeito empenhado com lucidez na procura de uma arte de viver, a que nós chamamos de busca de sabedoria de vida. (JOSSO, 2010, p. 132)

Cícera Pinheiro Batista percebe na especificidade do método uma qualidade, em primeira vista, inusitada, a possibilidade de ser ouvida por anônimos. Não exatamente que as pessoas ali não tivessem nome próprio, ou fingissem um codnome. Porém, pessoas antes desconhecidas que não presenciaram fatos desconfortáveis da vida. Algo que solicita mais da empatia do que de um distanciamento. Alguém que, a princípio não sabe nada sobre seu processo de experiência de vida. Todavia, a impressão deixada pelo relato de Cícera Batista é que não há nenhum lugar do mundo sociocultural desprovido de preconceito. Ressalta que os pre-conceitos do mundo acadêmico são incômodos, concomitante ao fato de perceber a oficina enquanto espaço para se curvar a outras visões diante dos temas pesquisados e da pluralidade dos métodos. Na sua autocrítica, considera antes desconhecer o seu processo de aprendizagem e conhecimento, a percepção diante das próprias motivações e a constatação da rigidez diante de si. A possibilidade de ir além quanto a esta tomada de consciência encerra que Cícera nos convida a ter uma nova experiência diante do método científico.

Thiago Isaias Nóbrega de Lucena elucida os aspectos epistemológicos do método da oficina biográfica, em seu relato aborda o que denomina de “método de hospitalidade” por extensão da hospitalidade diante da conduta da vida. Faz questão de atestar que mesmo tratando de emoções e subjetividades, a cientificidade está ali constantemente presente no fazer. Uma cientificidade que se reconhece a partir da lógica do pensamento selvagem. Portanto, a emoção acionada não é meramente despropositada, é a emoção aderida pela lógica da razão, tal qual acontece no encontro entre poesia e ciência. A propósito, o autor

utiliza da metáfora para compor um encontro entre ambas. Lançando mão do escritor Mia Couto, sugere um encontro libidinal entre elas, poesia e ciência deitadas na mesma cama e despidas de suas velhas camisas de dormir. Nota-se um autor consciente diante do seu projeto de ciência.

Mais uma definição de escuta pode ser apreendida na percepção de Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos, a escuta desprovida de juízo de valor, no sentido de não ser requerente de opinião interventiva a respeito do relato e da vida dos outros. Aproximadamente ao que Roberto Cardoso de Oliveira (2000) denomina ser o compósito do método antropológico e da experiência etnográfica: “OLHAR, OUVIR, ESCREVER”, que correspondem às faculdades da alma postas em serviço ao método. Francesca escrutina o método da oficina biográfica: “ESCUTAR, OLHAR E OUVIR”, sendo a escuta da “diversidade”, o olhar de “empatia” e “superação” e a voz do “inaudito”. Aquela que fala as coisas difíceis de serem ouvidas. Em sua conclusão, compreende que o círculo com os outros promove o senso de superação a partir da consciência de que todos que ali estão são sobreviventes de suas próprias jornadas; ao ouvir o que é difícil de ser dito e ouvido, pela voz de outra boca, têm-se a experiência da liberdade para o falar e o ouvir; ao se incorporar estes atos ao fazer científico, culmina na produção de sujeitos que se percebem protagonistas de si.

Miriam Flávia de Araújo observa que a autoconsciência diante do próprio percurso traz a percepção de que todo projeto de pesquisa está ancorado em um projeto de vida. Assim como estão entrelaçadas as histórias de vida que ali se conjugam, o que amplifica a capacidade de uso da memória dos antepassados. Dela emerge a necessidade de lembrar os mestres, reverenciar aqueles que nos antecederam, ancestrais com os quais uma sabedoria de ser e fazer se adquiriu.

Assim, relembra, nomeadamente, a professora Dalcy da Silva Cruz, enquanto referência intelectual e de resistência. De modo que, sua memória e partilhas orais e escritas levaram-na a perceber a importância do exercício da escritura e da oralidade, semelhante à noção da “oralitura” que segundo Ayah’omidire (2005) é responsável por transmitir e preservar toda a cosmologia yorubana.

Paulo Dourian Pereira de Carvalho traça um caminho em sua escrita delineado pelas águas serenas de rio que vai desembocar em uma “espiral retroativa do caminho para si” (JOSSO, 2010, p. 87). De acordo com Josso (2010), essa espiral tem um percurso demarcado pela enunciação do processo de formação, do processo de conhecimento e de aprendizagem. No seu caso, um processo poético-reflexivo que abriga um olhar para si e para o outro, o outro como revelador de si. Paulo Dorian percebe a partilha propiciadora de “um percurso mais genuíno” em seu ofício. É como se colocando as características de sua subjetividade em exercício pleno e consciente se sentisse mais consciente de conhecimento para si e para a comunidade de

pares. Do seu texto emerge, ainda, a noção de escuta sensível, baseada na empatia, atenção e colaboração ao outro.

Patrícia Rilliane Gomes da Silva revela que na oficina de projeto foi a primeira vez que encontrou um espaço para ser ouvida no ambiente universitário. Pelo que descreve, é como se ocorresse um processo de epistemicídio (SPIVAK, 2010), um apagamento de sujeitos e um silenciamento da voz e das subjetividades que dão cabo à pesquisa. Aproxima-se também na noção de rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 1995) ao falar da multiplicidade de fios que ligam as pessoas presentes, uma vez que o rizoma deleuziano remete a uma multiplicidade que conforma uma construção ontológica. Segundo os filósofos, a escrita rizomática é um exercício de quebra da repartição entre o mundo, a linguagem e o sujeito. Outro fio condutor do texto de Patrícia foi a lembrança de si e da sua esperança na promessa da universidade enquanto campo para autodeterminação, um espaço para se alcançar a liberdade enquanto ser mulher.

Com uma agulha Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano vai cosendo as linhas que arrematam esse bordado de relatos. Suas linhas também parecem rizomáticas e a agulha instrumento de quebras e rupturas de barreiras sociais. Mais uma vez, a escuta ganha relevância, aparecendo com a característica de ser uma escuta sobre corpos que compartilham das construções lineares e não-lineares de afetos e efeitos. Quanto aos efeitos dessa biobordagem, condensa enquanto “impacto do acolhimento” como uma escuta a partir das marcas que prescrevem e perduram numa vida, à luz do desejo e das questões do presente.

A complexidade e a interdependência entre os aspectos descritos e refletidos pelos oficinairos nos permitem chegar a várias conclusões sobre o modelo metodológico e garantia de sua eficácia. Com base nas escrituras, podemos construir pistas do que efetivamente o método dá acesso. Elsa Lechner (2023) cita Gaston Pineau para se referir aos efeitos formadores, transformadores e de ação social que o método potencia. Alega que os efeitos formadores têm um caráter individual e coletivo em que sujeitos que se sentem à margem em suas experiências de vida se sentem à vontade para narrá-las sem julgamentos alheios e assim compartilhar de um sentido comum com aquele grupo e encontro inusitados. Os efeitos formadores são dimensionados pela “*escuta atenta e respeitosa de narrativas biográficas*” (LECHNER, 2023, p.15) e pela produção de sentido a partir dessas experiências narradas. Quanto aos efeitos transformadores e de ação social, estes se dão pela tomada da palavra e empoderamento dos sujeitos que as produzem, imersos que estão em suas realidades sócio-histórico-culturais, muitas vezes acreditando não poder narrar, assim o fazem pelo viés de uma “*cidadania insurgente*” (LECHNER, 2023, p.16) em que cada pessoa descobre as forças e fragilidades de si e do outro e as compartilham num ambiente saudável de alteridade.

Acrescentamos aos efeitos sintetizados por Lechner, pela ocasião dos eventos na análise

relatada, que houve também a articulação entre a poética de um sentido construído retrospectivamente, os elos entre a experiência singular e a herança sociocultural, a pluralidade de interpretações sobre si, do outro e de vias de escuta e, finalmente, a aspiração a um “pensar sensível” diante da formação e da construção consciente do conhecimento científico.

Karlla Christine Araújo Souza
DCSP/PPGCISH/GECOM/UERN

REFERÊNCIAS

AYAH'OMIDIRE, Félix. **Yoururbanidade Mundializada: o reinado da oratura em textos Yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2005. 380.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As Histórias de Vida**. Da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As Técnicas de Si**. In: « Technologies of the self » (Université du Vermont, outubro, 1982; trad. F. Durant-Bogaert). In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), ed. *Technologies of the Self. A Seminar with Michel Foucault*. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi**. Suisse: Ed. l'Age d'Homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. 2 ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LECHNER, Elsa. **Oficinas biográficas com estudantes e investigadores: um método participativo de investigação e formação**. *Cadernos de Sociologia*, nº 3, 2023^a, pp. 41-49.

LECHNER, Elsa. **Dimensões coletivas do trabalho biográfico como pesquisa-formação: oficinas biográficas em foco**. *Linhas Críticas*, 29, e47346, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc29202347346>

LECHNER, Elsa. **Utopie et migrations: inégalités, agonisme et recherche biographique**, in Benucci A., Contarini S., Cordeiro G., Dos Santos G., Esteves JM., *L'Europe transculturelle dans le monde global*, Presses universitaires de Paris Nanterre, 2023 c, pp. 237-250.

LECHNER, Elsa. **Migrants Lives Matter: biographical research, recognition and social participation**, in Ana Caetano e Magda Nico (org.), *Biographical Research: Challenges and*

Creativity. London: Routledge, 2022.

ABRANTES, Pedro; LECHNER, Elsa. (orgs.) **Nós Globais: investigações em curso sobre questões da globalização**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

LECHNER, Elsa. **Oficinas de Trabalho Biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes**. In: Educ. Real., v. 37, n. 1, Porto Alegre, jan./abr. 2012. pp.71-85. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

PINEAU. Gaston. **Les histoires de vie comme art formateur de l'existence**. In Pratiques de formation, n° 31, 1996, pp.39-47.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

INTRODUÇÃO

Narrativas em coletivo e o coletivo narrado: oficinas biográficas de projeto com estudantes universitários e investigadores no Brasil

Este livro-testemunho versa sobre narrativas em coletivo produzidas e partilhadas por investigadores e estudantes de pós-graduação sobre os seus projetos e carreiras em oficinas de trabalho biográfico (UERN/UFRN, Brasil). Na esteira da corrente das histórias de vida em formação desenvolvida no mundo francófono a partir dos anos 1980, e com base no diálogo interdisciplinar entre os colegas da educação e a nossa experiência de investigação e de ensino na área das ciências sociais, é aqui proposta a análise destas oficinas e narrativas biográficas na sua dupla função de instrumento investigativo e de formação. A ênfase é colocada no formato participativo e nos efeitos coletivos desse trabalho biográfico efetuado em grupo, também como forma de apresentar alternativas conseqüentes à cultura da competição e do individualismo reinante nas universidades num contexto de precariedade dominante.

Apertinência científica desta articulação entre saberes teóricos e saberes de experiência e existenciais, corresponde e responde à especificidade epistemológica da pesquisa biográfica. Assim, muito mais do que apresentar um método qualitativo e ideográfico útil às ciências sociais e à formação/educação (poderia ser também noutros contextos interessados no trabalho biográfico em grupo), pretendemos com este texto analisar os contributos substantivos das oficinas biográficas para a investigação-formação entendida como experiência coletiva com impactos concretos nos sujeitos sociais e no debate sobre as condições de trabalho atuais.

Os textos de reflexão dos participantes das oficinas em foco sobre a sua experiência biográfica em grupo constituem parte integrante desta análise. Tais reflexões permitem materializar a coerência teórico-prática da pesquisa biográfica, trazendo para este livro científico e acadêmico a coautoria do trabalho produzido nos grupos, e assim também ingredientes de justiça social, de justiça cognitiva e de convivência respeitadora de diferentes pontos de vista e experiências concretas. Permitem ainda identificar dimensões contra-hegemônicas de interculturalidade e intergerações, no seio de formações pós-graduadas/carreiras de investigação, num contexto universitário mundial que se quer cada vez mais internacionalizado e ajustado aos desafios atuais (precarização do trabalho, instabilidade, insegurança, necessidade de renovação dos programas curriculares, necessidade de mudança da cultura laboral, etc.)

A proposta deste livro é, assim, a de publicar conjuntamente as nossas reflexões teórico-metodológicas de autora e dinamizadora das oficinas, juntamente com as reflexões dos participantes das oficinas em questão sobre a sua experiência de trabalho biográfico em grupo. Desta maneira – neste resultado tangível que é uma publicação sobre o método das oficinas e o seu enquadramento mais vasto –, estão presentes, ao mesmo tempo, ‘maestrina’ e ‘músicos’, cumprindo a execução completa das respetivas ‘partituras’, narrativas ensaiadas nos grupos, sem esquecer as respetivas codas.

1. Pesquisa biográfica e coletividade: a dimensão social e grupal da experiência e das narrativas autobiográficas

*For what is one man that he should make much of his winters,
even when they bent him like a heavy snow?
Pois o que é um homem para dar tanta importância aos seus invernos,
mesmo quando estes o vergam como uma neve pesada?*
(Black Elk Speaks, J. Neihardt, 1961, nossa tradução)

Na área das ciências sociais a pesquisa com e sobre materiais biográficos começou por ser motivada pelo interesse dos investigadores em personificações de questões sociais. Tanto os imigrantes polacos estudados por Florian Znanieck e William Thomas na cidade de Chicago no início do século XX, como as famílias pobres da cidade do México nos anos 1940/50 estudadas por Oscar Lewis, ou o índio Sioux que partilhou a sua história de vida com John Neihardt na Reserva de Pine Ridge, Dakota do Sul, foram porta-vozes de temas e questões sociais que motivaram estes sociólogos e antropólogos. Imigração e ‘desvios comportamentais’, para os primeiros, pobreza num país da América Latina, para Lewis, e a transmissão oral da cultura Sioux em risco de perda e dispersão nos anos 1930, para Neihardt, foram os lemes que orientaram estes trabalhos baseados nas vidas dos seus interlocutores.

No entanto, nem apenas na primeira metade do século XX, nem só os temas de investigação como foco, permaneceram como as características definidoras da investigação biográfica. Longe disso – apesar de um interregno de domínio quantitativo na sociologia do pós segunda-guerra mundial – o qualitativo e ideográfico próprio das histórias de vida e testemunhos privados, ocupou de forma significativa novas gerações de investigadores da sociologia, antropologia, psicologia social, educação, na segunda metade do século. E continua nos tempos atuais a ocupar todos e todas que são conscientes da responsabilidade cívica do trabalho biográfico e autobiográfico numa era ameaçada globalmente pela urgência climática, a pandemia, a guerra, e as ameaças à democracia.

No mesmo sentido plural, também o foco das pesquisas que foram, entretanto, desenvolvendo o estudo do biográfico em contextos sociais (sempre diferente do trabalho da psicologia clínica), foi-se alargando para abarcar a importância e pertinência do próprio processo de investigação e respectivas dimensões formativas. Ora, na pesquisa biográfica este processo é relacional e intersubjetivo, acontece entre sujeitos investigadores e participantes voluntários, ou formadores e formandos. Por isso mesmo, é um processo participativo mesmo se comporta(r) assimetrias e diversos estatutos sociais, bem como relações de poder mais ou menos evidentes. Tanto no decorrer da pesquisa, ou da pesquisa-formação, como nas respectivas análises e resultados, estas diferenças e ‘reciprocidades assimétricas’ estão presentes. A consciência e identificação dos contornos e conteúdos específicos de tais diferenças é necessária e fundamental para melhor re fletir e analisar os trabalhos em causa. E os dois exercícios – o de pesquisar na diferença em con-junto e analisar colaborativamente o processo e resultados – consubstanciam uma coerência teó rico-prática: entre os valores e pressupostos de justiça social, democratização dos saberes, justiça cognitiva, da pesquisa biográfica, e a produção participada, em coautoria, do conhecimento produzido em grupo (Lechner, 2015).

A frase citada no início deste texto, proferida pelo índio Black Elk ao seu interlocutor académico, aponta justamente nesse sentido: uma história individual é partilhada por muitos outros, e uma narrativa biográfica é uma entre todas as outras que possam ser expressas. Mesmo que a história de uma pessoa possa ser extraordinária nas suas provas, penas e realizações, todas são feitas da mesma “matéria” que interessa ao estudo do biográfico. Elk diz ainda a este propósito: ”Hear me, four quarters of the world – a relative I am! Give me the strength to walk the soft earth, a relative to all that is! Give me the eyes to see and the strength to understand, that I might be like you. With your power only can I face the winds.” (“Ouçam-me, quatro quartos do mundo – um familiar vosso eu sou! Dai-me a força para caminhar sobre a terra macia, uma parente de tudo o que existe! Dai-me os olhos para ver e a força para entender que eu posso ser como tu. Apenas com o teu poder eu posso enfrentar os ventos” (nossa tradução) (1961, p. 6.) Esta sabedoria do índio ancião entrevistado nos anos 1930, é partilhada pelas novas investigações biográficas, que aceitam incorporar a dimensão intersubjetiva e holística na produção de conhecimento sobre o social a partir de relatos e experiências autobiográficas em copresença.

Do ponto de vista metodológico, esta implicação entre saber e processo de investigação, segundo Madelaine Grawitz (2001) citando Kaplan (1964), é o próprio de um método: ajudar a compreender num sentido mais lato, não os resultados de uma investigação científica, mas o próprio processo de investigação. Cada forma de conhecimento depende de posições filosóficas, e as questões de método são influenciadas pelos *a priori* filosóficos. As dificuldades encontradas em cada pesquisa, também resultam dos métodos aplicados. Neste sentido, um

método é como uma fôrma que se adapta com coerência e lógica a um propósito teórico e substantivo de partida (por exemplo, querer estudar a migração com as vozes de migrantes, ou carreiras científicas com investigadores). A história do pensamento científico tem sido a da difícil conquista das suas condições. Assim, cada método de investigação também representa uma busca consolidada e sistematizada num dado tempo para o tempo em que é pertinente ser utilizado. Há métodos que estão manifestamente à frente do seu tempo. No contexto português, a pesquisa biográfica parece estar nessa situação. No brasileiro e norte-americano já não. Tal constatação sublinha o caráter sempre situado dos instrumentos de produção de conhecimento em relação às condições históricas, sociais e políticas em cada contexto, apesar de tendências globais que podem ser mais ou menos importadas localmente.

Ainda segundo Madeleine Grawitz (1993), a noção de método é ambígua. Pode ser entendida num sentido filosófico (o mais geral), num sentido mais concreto (face aos objetos), como uma tentativa de explicação, ou em domínios particulares. Mas há um elemento comum a todos estes sentidos: trata-se sempre de um conjunto concertado de operações colocadas em prática para atingir um ou vários objetivos, um corpo de princípios que preside a qualquer investigação organizada, um conjunto de normas que permite selecionar e coordenar as técnicas. Um método constitui um plano de trabalho desenvolvido em função de um objetivo. (Grawitz, *ob cit*, p. 352). Do ponto de vista teórico, a incorporação do subjetivo e do intersubjetivo no trabalho biográfico, cumpre uma coerência com os pressupostos filosóficos do valor heurístico e biopolítico do biográfico e do narrativo. Nesta matéria, o contributo do sociólogo italiano Franco Ferrarotti (1981) é decisivo, tendo em conta o caráter existencial e dialético da sua proposta para entender aquilo a que chamou “o método biográfico”. Ferrarotti analisou a autonomia do trabalho biográfico na sociologia identificando a sua natureza ‘ideográfica’, relativa às representações, por oposição à lógica ‘nomotética’ que busca leis e regras de comportamento. O estudo e análise das experiências de vida e de narrativas de vida de sujeitos sociais implica o entendimento das mesmas como sendo uma ‘praxis sintética’ entre o individual e o coletivo, o singular e o plural, o individual e o universal. Na base desta síntese está uma compreensão existencial da experiência humana e das linguagens humanas, que as situa sempre na historicidade e na subjetividade, ou seja, no tempo e no espaço habitado pelo Homem.

Se o próprio do biográfico revela os tempos e espaços mais vastos de referência da experiência humana, então o trabalho com e sobre histórias de vida e narrativas privadas é necessariamente um trabalho relacional entre os sujeitos concretos do diálogo em presença. É de notar, a este propósito, que o sociólogo de Roma desenvolveu esta sua reflexão a partir de um trabalho de terreno nos anos 1950 junto de operários e trabalhadores fabris, no qual sentiu e vivenciou as implicações biopolíticas da sua proposta metodológica: ele um académico, e os seus interlocutores trabalhadores pobres com níveis elementares de educação escolar. Também

Pierre Bourdieu entendeu este alcance profundo do trabalho biográfico anos depois da sua dura crítica à “Ilusão biográfica” publicada em 1983, que censurava as pesquisas então realizadas pelo grupo de Daniel Bertaux com e sobre histórias de vida. Com efeito, dez anos depois desse severo artigo, foi o próprio Bourdieu quem defendeu este tipo de trabalho nas ciências sociais, ao estudar os testemunhos de homens e de mulheres sobre as suas vidas concretas num projeto de equipe que resultou no livro “*La Misère du Monde*” (1993). O objetivo desse trabalho foi desenvolver um olhar compreensivo sobre as expressões privadas de vivências públicas recolhidas numa relação de confiança entre pesquisadores e interlocutores de campo. Foi aí desenvolvido um espaço, vários espaços de encontro de diferentes ‘pontos de vista’. Como afirmado no início da obra: “Para compreender o que se passa em lugares como “bairros sociais” e também numerosos estabelecimentos escolares aproximando pessoas em tudo separadas, obrigando-as a coabitar, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos daí resultantes, não basta dar conta de cada ponto de vista separado. É também necessário confrontá-los tal como são, não para os relativizar assim perpetuando o jogo de imagens cruzadas, mas, pelo contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito de justaposição, o que resulta do confronto de visões diferentes ou antagonistas do mundo (...)” (1993, p. 9). Ou seja, não só as experiências e narrativas dos sujeitos entrevistados foram o material por excelência desse trabalho, mas também a fina consciência das implicações da relação de confiança entre os diferentes interlocutores envolvidos, e os ingredientes concretos dessa relação.

Tanto as experiências biográficas, como as narrativas de experiência e a relação entre interlocutores em presença nestes contextos, comportam dimensões de investigação e de formação. É essa mesma a razão pela qual a pesquisa biográfica é sempre, como identificou Gaston Pineau, também formativa, transformativa e de potencial ação social (Pineau, 1996). Ela é, por excelência interdisciplinar, convocando instrumentos de várias áreas das ciências sociais e humanidades para melhor conduzir e interpretar as diversas questões teóricas, filosóficas, metodológicas, éticas e técnicas em causa.

É nos dois sentidos da pesquisa e da formação que o método das oficinas biográficas parece ser particularmente ajustado para treinar a arte de ouvir os pontos de vista dos nossos interlocutores, de potenciar a escuta e o diálogo deles.as entre si, e ainda de vivenciar os efeitos socialmente construtivos da confiança no diálogo e relação entre as partes potenciados pelo trabalho com e sobre histórias de vida e narrativas de experiência. Analisaremos em detalhe estes aspetos no momento seguinte deste livro. Mais do que com o objetivo de sublinhar o valor e validade deste instrumento de pesquisa e formação, tal análise permitirá entender os pressupostos e efeitos substantivos do processo e resultados plurais/coletivos das oficinas biográficas.

2. As oficinas biográficas como tempo e espaço de pesquisa e de formação

A proposta das oficinas biográficas que temos vindo a desenvolver ao longo dos últimos doze anos (Lechner 2012, 2015, 2021) junto de diversos tipos de participantes (migrantes, estudantes universitários, público online), ancora-se numa corrente teórico-prática interdisciplinar. Faz uso de métodos e técnicas da etnografia e da sociologia qualitativa, mantendo um diálogo privilegiado com as correntes internacionais das histórias de vida e o estudo da formação ao longo da vida. Foi decisivo para nós o treino prático com especialistas como Marie-Christine Josso e Jeanne-Marie Rugira (Lisboa e Paris no início dos anos 2000), assim como a pesquisa de doutoramento em antropologia social junto de portugueses residentes na região de Paris no final dos anos 1990. O primeiro forneceu ferramentas de recolha e análise de histórias de vida e de nos a conhecer os formatos grupais e participativos de trabalho na prática; a última despertou-nos para os já referidos efeitos substantivos da relação de confiança com interlocutores concretos no campo.

Nos trabalhos biográficos partimos do pressuposto teórico de que o estudo de uma dada realidade social precisa das visões e versões dos sujeitos sociais que as vivem na pele para ser elucidado e mais justo. Tal distinção é necessária para não confundir o trabalho de investigação ou de formação com uma colonização dos nossos interlocutores, nem uma imposição das nossas grelhas de análise. A intenção de um trabalho biográfico é exatamente o contrário de uma propedêutica e prescrição. É certo que os posicionamentos dos nossos interlocutores são condicionados e podem ser limitados pelos recursos disponíveis no momento de cada trabalho a ser efetuado, mas também quem investiga ou educa e forma se encontra inevitavelmente situado/a nas suas referências simbólicas e materiais (cultura, língua, linguagens, formação disciplinar, etc.). Da mesma maneira, as potencialidades existem para os dois lados da relação de interlocução. Reconhecer estas posições relativas é de elementar consciência biopolítica, e sentido de justiça. Assim como ter consciência das diversas posições de sujeito, estatutos sociais e legais no terreno (por exemplo junto de migrantes e refugiados), e das relações de poder, é fundamental para evitar o erro de confusão entre reconhecimento e inconsciência das desigualdades estruturais entre pessoas. Qualquer pesquisa ou formação que se baseie na produção e análise de narrativas biográficas concretiza uma hermenêutica aplicada socializada e intercultural (Michel 2016). Tal significa trabalhar com e sobre pluralidades, mesmo que estas não se traduzam sempre (ou frequentemente) em consensos. O objetivo não é, claramente, o consenso pelo consenso, mas sim o diálogo e as aprendizagens recíprocas. Da mesma forma, como lembrado pela cientista política Chantall Mouffe (2010) e pelo sociolinguista Jean-Jacques Lecercle (1996), a própria comunicação humana tem um caráter *agonístico* que não garante à partida o sucesso dos diálogos e interlocuções.

O encontro ou confronto de saberes de experiência que o trabalho biográfico implica necessariamente, comporta várias camadas analíticas que aqui importa identificar e distinguir: as narrativas; as experiências narradas; a relação de interlocução entre narrador.a e narratário.a; a escuta (também ela sempre situada de cada sujeito); o diálogo ou análise conjunta dos relatos e das ressonâncias de quem ouve. Para além desses diversos campos analíticos (embora todos possam ser suportes analíticos do mesmo estudo), há que saber trabalhar numa perspectiva fenomenológica de adaptação às especificidades de cada grupo e cada interação, cultivando o respeito e a confiança que dão margem de expressão e de liberdade à escuta e à tomada da palavra. Ou seja, trata-se de uma oportunidade de treinar a responsabilidade na comunicação com os outros. Esta questão da responsabilidade foi teorizada por Philippe Lejeune no “Pacto autobiográfico” (1975), e pode ser desenvolvida pelos contributos da filosofia hermenêutica interessada na alteridade e hospitalidade no sentido de *afinar* a consciência dos contornos biopolíticos da comunicação humana em si mesma. Foi, igualmente, trabalhada pela corrente das histórias de vida em formação como a ‘emergência do sujeito co-responsável pela sua formação’ (Josso, 2004). E, de acordo com a nossa experiência de trabalho biográfico em grupos, constata-se que quanto mais os sujeitos se responsabilizam conscientemente pela sua formação no sentido lato (existencial), mais responsabilidade manifestam para com os outros e o grupo.

Para além da pluralidade de saberes existentes no mundo ou numa oficina biográfica, há que trabalhar nestes contextos relacionais com uma ética prática da responsabilidade e da hospitalidade, no sentido filosófico de uma ética face ao Outro (Lévinas 1987, Derrida 1997, Innerariti 2008), e no sentido prático da cidadania. Do ponto de vista das ciências sociais, como sugere Norman Denzin (2009), tais cuidados no trabalho qualitativo correspondem a uma forma implicada e cívica de produzir conhecimento: um compromisso com a justiça social. Por essa mesma razão, diz Denzin no mesmo livro, a pesquisa qualitativa (logo, a biográfica também), implica sempre a identificação e análise das dimensões políticas, interpretativas, culturais e performativas da investigação. O mesmo se pode dizer da formação que vise a democratização e transformação social. Na verdade, no domínio da chamada ‘corrente das histórias de vida’, a formação é considerada como uma ‘*autoformação* que evidencia heranças, continuidades e ruturas, projetos de vida, recursos ligados a aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão baseado numa narrativa de um Eu pensante, sensível, que imagina, se emociona, aprecia, ama, permite medir as mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos mais vastos da vida profissional e social.’ (Josso, 2009). Ou seja, uma autoformação que toma consciência do seu caráter social, histórico, cultural, subjetivo e intersubjetivo. Também na corrente anglo-saxónica da formação transformativa (*Transformative Learning*), a justiça social e as subjetividades aparecem nas diversas dimensões teóricas, metodológicas e sub-temáticas, equacionando questões raciais, identitárias, políticas, e de

reivindicação de direitos (Finnegan, 2023). Neste sentido, o formato e funcionamento das oficinas biográficas concretizam verdadeiros fóruns de ensaio da ética da hospitalidade e de responsabilidade na pesquisa, formação e nas relações de alteridade.

Cada oficina biográfica juntando um grupo de pessoas interessadas em desenvolver um determinado tema das suas vidas pessoais a partir de relatos de experiência, consiste numa experiência extra-quotidiana destes efeitos. Esta permite vivenciar na prática as implicações coletivas do biográfico. Nesse tempo e nesse espaço do trabalho de grupo, cada participante faz a experiência de escrever sobre si, de partilhar a sua narrativa com outros narradores, de receber as ressonâncias dos narratários, e de oferecer aos narradores as suas ressonâncias, trabalhando polifonicamente sobre um mesmo tema assim construindo uma escultura temática em conjunto.

O formato grupal deste trabalho, por si só, tem impactos na forma de enunciar e de escutar e de comunicar entre sujeitos sociais. Vivemos em sociedades individualizadas e rápidas, que criam isolamento na multidão e automaticidade dos gestos, desfibrando sentimentos de pertença e redes de solidariedade, o que nos grupos das oficinas, contrariamente, se pode viver de forma espontânea e entre pessoas que não se conheciam à partida. Falar de si para si é muito diferente de falar de si para outros e para outros que partilham de uma mesma experiência temática (migração, projeto de investigação, carreira, por exemplo). Cada oficina é uma roda de estórias, um círculo de vozes únicas que se ecoam entre si, ecoando ao mesmo tempo os problemas e potencialidades do mundo. Assim como a capacidade narrativa é própria da condição humana, como referiu Hannah Arendt (2001 [1958]), também a partilha de experiências e a negociação de sentidos ou significados é específica aos seres de linguagem que somos. Neste sentido, produzir narrativas de experiência e socializá-las num grupo, cumpre uma função antropológica narrativa, experiencial e gregária que podemos considerar necessária ao nosso equilíbrio individual e coletivo. Com efeito, de acordo com as considerações habitualmente tecidas pelas/os participantes das oficinas – como veremos mais à frente –, esta função é mesmo muito necessária e sentida como bastante ausente das vidas quotidianas.

Mas para além do trabalho grupal que ‘cria comunidade’ e sentido de pertença, as oficinas seguem a metáfora da *arbre à palabres* (Leray e Hamey Warou, 2014), assente no formato circular da comunicação (participantes sentados em roda), na horizontalidade situacional (todos na mesma situação perante o tema da oficina) e nas posicionalidades (cada um tem uma experiência e ponto de vista de partida). Estes são ingredientes da extra quotidianidade referida que permitem uma maior aproximação entre sujeitos sociais muitas vezes distantes uns dos outros nas suas vidas do dia a dia. Também permitem tornar audíveis versões da história e da vida coletiva que são muitas vezes desconhecidas e ausentes do espaço público e social. Este facto é particularmente relevante, como se percebe, entre grupos marginalizados ou invisibilizados socialmente.

Além disso, os conteúdos substantivos intercambiados nas oficinas também suprem outras necessidades humanas bastante significativas no mundo em que vivemos: o interconhecimento na (super)diversidade, o reconhecimento nas/apesar das diferenças, o respeito pela dignidade humana de cada um, a tomada de consciência de direitos, dos contextos de vida e da responsabilidade de cada pessoa na vida em coletivo. No que diz respeito às oficinas de projeto e de carreira aqui em foco, o trabalho coletivo em oficinas biográficas potencializou o reconhecimento dos desafios comuns aos estudantes e investigadores, tanto em Portugal como no Brasil, bem como os efeitos benéficos da partilha de experiências, de narrativas, e da escuta respeitosa e atenta uns dos outros e de si mesmos.

Passemos, então, à apresentação e análise das reflexões escritas por participantes das oficinas de projeto realizadas na UFRN em julho de 2022 (três grupos distintos de cerca de 10 oficinairos). Todos estes grupos trabalharam a partir de textos autobiográficos (uma página) previamente escritos (na véspera) sobre o tema da respetiva oficina (projeto de pesquisa, nestes casos), sentados em roda, num círculo de conversa. Em cada roda fizemos uma primeira ronda de breves apresentações (nome, de onde vinham e com que motivação), passando depois, no sentido dos ponteiros do relógio, às leituras de cada participante e ressonâncias dos narratários. Para cada grupo de seis participantes precisamos de três horas de oficina, de forma a haver tempo equilibrado para todas as partilhas e ressonâncias. No final, fizemos um breve balanço sobre a experiência e criámos grupos de contato para ir dando conta das reflexões de cada um.a. Seguem-se, assim, as reflexões escritas posteriormente pelos participantes que nos fizeram chegar os seus testemunhos (a grande maioria).

Elsa Lechner
CES-UC

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**, Lisboa:Antropos, 2001.

BERTAUX, Daniel. **Biography and Society**. London: Sage, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **L'Illusion Biographique**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris : Seuil, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **La Misère du Monde**. Paris, Seuil, 1993.

DENZIN, Norman. **Qualitative Inquiry Under Fire. Toward a New Paradigm Dialogue**. Left Coast Press: Walnut Creek, 2009.

DERRIDA, Jacques. **De l'Hospitalité, de Jacques Derrida et Anne Dufourmantelle**, Paris: Calmann-Lévy, 1997.

FERRAROTTI, Franco. On the autonomy of the biographical method. In: BERTAUX, Daniel (dir.) **Biography and society: the life history approach in the social sciences**. London/Beverly Hills: Sage Publications, 1981.

GRAWITZ, Madelaine. **Méthodes des sciences sociales**, 11 ed. Paris, Dalloz, 1993.

INNERARITY, Daniel. **Ética de la hospitalidad**, Barcelona: Península, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A interculturalidade em questão. Ou como o trabalho biográfico baseado em relatos de formação de si pode contribuir para um conhecimento intercultural recíproco e propor uma concepção alargada da interculturalidade. In Elsa Lechner (org), **Histórias de Vida: olhares interdisciplinares**. Porto: Afrontamento, 2009, pp. 31-53.

LERAY, Christian; HAMEY-WAROU, Fatimata. **L'arbre à palabres et à récits**. De l'Afrique au Brésil en passant par la Bretagne. Paris: L'Harmattan, 2014.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infinit**, Paris : Biblio Essais, 1987.

KAPLAN, Abraham. **The conduct of inquiry**. Methodology for behavioral Science. San Francisco: Chandler, 1964.

LECERCLE, Jean-Jacques. **La Violence du langage**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

LECHNER, Elsa. **Oficinas de trabalho biográfico**: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. Revista Educação e Realidade, 37 (1), 2012, p.71-85.

LECHNER, Elsa. (coord.) **Rostos, Vozes e Silêncios**. Uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal. Coimbra: Almedina, 2015.

LECHNER, Elsa; CAPINHA, Graça; KEATING, Maria Clara (orgs.). **EM migração|EM português**. Exílios, retornos, colonizações. Coimbra, Almedina, 2021.

LEJEUNE, Phillipe. **Le Pacte Autobiographique**, Paris : Seuil, 1975.

LEWIS, Oscar. **The Children of Sanchez**. United Kingdom: Vintage Books, 1963.

MICHEL, Johan. **A Sociologia do Si**. Portugal : Lema, 2016.

MOUFFE, Chantal. **Agonistics**: Thinking the World Politically. London: Verso, 2010.

NEIHARDT John. **Black Elk Speaks**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.

PINEAU, Gaston. Les Histoires de vie comme art formateur de l'existence. In : **Pratiques de formation** (Les filiations théoriques des histoires de vie en formation). In : Sociétés, n° 31, 1996, p.39-47.

RELATOS

**Reflexões sobre a experiência de
participação nas oficinas
biográficas de projeto**

Joriana de Freitas Pontes

“Oficina biográfica: Nós, Vozes e Elos”

O que posso dizer de uma oficina de projetos biográficos mediada pela doutora Elsa Lechner que já não tenham escrito, para assim não me tornar repetitiva. Acredito que abrindo meu coração e memória com o rigor necessário para me deixar entender, não é mesmo? Pois bem, essas oficinas nos marcam e nos atravessam positivamente de forma singular e afetuosa, nela apreendemos a escutar o outro e assim interpretá-lo não só com o rigor acadêmico, seletivo, que muitas vezes até chega a ser excludente, mas de forma que reverberasse essa escuta como espelho, porém com a potência do nosso olhar, recheado de outras histórias, memórias e narrativas de experiências nossas. Então o projeto que escutamos reverberamos para ajudar ao dono do projeto perceber o seu projeto em um novo olhar e numa outra perspectiva. Uma forma plural e transversal porque não dizer, multitransversal de quebra de paradigmas para analisar projetos de pesquisa que envolve tanto rigor e processos dolorosos de desapego e escolhas. Isso tudo com muito cuidado, paciência e tempo! Ah, o tempo que tece seus fios costurando nossos corpos em memórias e narrando da existência humana. Essa oficina biográfica de Elsa Lechner é um tutor de resiliência, como diria Borys Cyrunik, uma luz intelectual que nos habitou e motivou para além dos nossos projetos, mas sem dúvidas nos estimulou profundamente para nossas pesquisas. Não é fácil esse caminho que o pesquisador trava entre o rigor e o processo de buscar caminhos mais humanizados para tecer esse documento de dissertação que passa por tantos olhos e julgamentos, mas se tem que ser assim que seja das nossas formas com a nossa forma de dizer e olhar o mundo a nossa volta – contar as narrativas daqueles que nunca tiveram oportunidades como nós e deixar reverberar essas histórias para o mundo e o transformando. Essa oficina nos possibilitou esperar, como tão bem disse Paulo Freire. Quanta poesia nos arrebatou naquela manhã e tarde do dia 05 de julho de 2022. Saí de lá com minha colcha imaginária tecida e colorida com as narrativas de cada um e de cada uma ali presente naquela roda, quantos saberes, vivências, medos e histórias compartilhadas. Como foi importante que essa colcha tivesse a maestria da Elsa com seu método humano de tecer essa construção multiplural entre nós, a contação de Marcus e suas inquietações os medos de Naide sobre o certo e o errado na sua busca de contar sobre suas experiências com seu filho

transgênero ao passo que imigração é coisa preocupante no nosso país e vem ela Maria Clara com toda a doçura e poesia falar de um tema tão complexo e humano que nos deixou querendo conhecer mais sobre a pesquisa e a pesquisadora, porém logo fomos arrebatados por Diego que mesmo aparentemente preso em uma cadeira de rodas nos mostrou que a mente não tem limites e os sonhos são possíveis, nos emocionou profundamente com suas histórias e sua mãe que emergiu na conversa como uma válvula propulsora de toda a sua existência e me fez transbordar porque, assim como ele, a minha mãe também já falecera e me fez recordar o quando sou grata por tudo e portanto que minha mãe me possibilitou na vida. E para complementar essa colcha das histórias dos outros em mim, a surpresa do professor Kleber Farias com a sua personagem feminina, Vanessa, que habitou aqueles momentos de afetos tão potentes de si. Lembrando-me aqui que houve um momento bem íntimo do nosso grupo entre almoço e conversas aleatórias em que o nome de Vanessa tenha ganhado outro significado - o pseudo nome de FERNANDA Revanche, brincadeira na ocasião feita por Marcus Vinícius e acatada por todos e todas. Uma verdadeira comunhão dialógica de construção de saberes e trocas de experiências através das narrativas de si. Olha que lindo o tecido agora pronto em forma de uma linda colcha de retalhos, ou diria, toalha de mesa colorida com tanta diversidade que habitou nessa oficina biográfica minis trada pela Elsa Lechner e o que fazer com ela se não expor em uma mesa afetuosa de cozinha da nossa mãe ou avó ou por onde nos couber para contar histórias que permeiam nosso imaginário popular e humano e não parar mais. Essas narrativas – histórias de si, de nós, de vozes, e de elos, nos constroem e desconstroem todos os dias. Gratidão ao universo, ao mestrado de ciências sociais e humanas-UERN, professora Karlla Cristine e a UFRN por celebrar esse encontro tão avassalador e cheio de possibilidades e afetos com Elsa que, mesmo com o rigor, nos promoveu emoções tão humanas e necessárias para uma próspera vida de pesquisadora. Terminei meu relato de experiências assim: OBRIGADA... OBRIGADA... OBRIGADA, olhando nos olhos de cada um e cada uma da roda de oficinas de trabalho biográfico.

Kleber Farias de Medeiros

“Escutas além dos saberes canônicos - reflexões e acalentos”

Saudações professora “Luz”!

A responsabilidade de escrever sobre minha experiência nas oficinas de trabalho biográfico me levou a uma ação profunda de recordar e reavivar momentos significativos que tanto contribuíram para ressignificar o sujeito crítico e reflexivo que busco ser cotidianamente. Faltam-me palavras para descrever o misto de sensações vividas por mim, ao adentrar naquela sala e fazer parte daquele círculo de autonarrativas. Foi tão surreal que nomeei como “terapia de projeto”, tamanhas foram as trocas de energias compartilhadas em cada relato vivenciado pelos amigos que a vida ali me presenteou. Ouvir pessoas que nunca tive contato e mesmo assim sentir suas dores e angústias, me levou a refletir como a escuta do “outro” pode reverberar em nossas vidas. Discutir temas que ainda são considerados tabus e difíceis de serem solucionados, nos leva a caminhos cheios de obstáculos e a romper com paradigmas. No entanto, ao ouvir cada história, consegui enxergar um pouco de mim naquelas falas tão reais e cheias de humanidade. Numa sociedade em que as pessoas só querem falar, o ato de ouvir se torna muito secundário ou até mesmo inexistente. Compreender a dor do outro e poder contribuir com uma fala amiga, um olhar de carinho, um abraço cheio de afeto, pode não resolver o problema, mas minimiza as agruras do corpo e da alma. E foi o que aconteceu, “professora Luz”, durante as oficinas. As contribuições que a senhora nos presenteou vão além dos saberes canônicos, pois ecoam infinitamente, transcendendo o “rigor acadêmico” comum nas instituições. Tornar visível o que muitos “fingem” não ver, é algo instigante e nos leva a compreender o sofrimento do outro, visto que essas pessoas precisam ser ouvidas e acolhidas. Estamos na contemporaneidade, no entanto, o pensamento machista e patriarcal ainda imperam. É muito escasso o fomento às pesquisas no campo das Ciências Sociais, talvez por não ser interessante nem rentável compreender a complexidade do ser humano, o que a torna de uma certa forma “marginalizada”. Os momentos vivenciados nas oficinas nos fazem esperar, assim como Paulo Freire e nos encorajam a seguir retirando “as pedras” de Drummond, que encontramos ao longo do caminho. Encerro meu texto parodiando a Canção do exílio, de Gonçalves Dias, para mostrar que é preciso fazer a diferença num mundo tão injusto e desigual. Gratidão, “professora Luz”, pelas doces palavras que acalentaram meu coração e me encorajaram a seguir lutando por dias melhores.

Canção de apelo

Meu país tem corruptos Que tentam nos subornar
Os pássaros que aqui cantavam, hoje estão a chorar.
Nosso céu mais poluído, Nossos campos sem flores nossas vidas esquecidas E em nosso peito
desamores. Nas noites de devaneio
Me ponho a pensar, Quando irão me escutar? Espero ansioso por esse dia chegar.
Meu Brasil tem horrores, Que não consigo mascarar
É fome, pobreza, miséria E não sei quando tudo acabará.
Não permitas Deus que eu desista de lutar, incentivando a todos que é preciso esperar.
Sem que o desânimo e os horrores Não venham me assombrar
Que plantemos jabuticabeiras, Ouvindo a voz dos oprimidos e os ajudando a metamorfosear.

Luiz Antônio Gomes Lopes

“Oficina de projeto: para quem busca caminhos.”

Nenhum poeta ou poema poderia expressar o arder que toca minha pele depois das experiências que tenho vivido na academia (conclusão do curso de Psicologia; ingresso no Programa de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas da UERN – depois de cinco tentativas; a desconstrução praticada em algumas disciplinas – tonto da graduação, quanto do mestrado; e, não menos importante, esta experiência na Oficina de Trabalhos Biográficos em Ciências Sociais com a professora Elsa Lechner).

Nossos percursos, nem sempre belos, nossas experiências, nem sempre vívidas, são o que nos dá suporte para reflexões “sobre o viver” e que nos fazem perceber liames existenciais. Fenômeno, na psicologia, é, por exemplo, o que nos vem à luz da consciência. E de qual consciência falamos? Da nossa ou do pesquisando? Das duas, claro! Por isso é necessário sensibilidade (o que a professora Elsa tem de sobra).

Agora, fazendo jus aos ensinamentos poéticos, resgato uma frase de Vinícius de Moraes. Qual seja: “a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro nessa vida”. Tal frase é da música “*Samba da Benção*”, onde o poeta reflete profundamente sobre a vida, em meio a construção de um “sambinha”. Nossa experiência com o método autobiográfico nos fez perceber que embora não tenhamos o brilhantismo do Vinícius, nossas histórias pulsam nas veias de outras pessoas. Elas, as histórias, se cruzam e se costuram como uma colcha de retalhos. É um movimento que serve às ciências sociais e humanas de forma potente, pois valoriza não uma interpretação do pesquisador, mas o fenômeno depurado pelo pesquisando.

Ao escrever sobre esta experiência, percebo a profundidade do que fora vivenciado; lembro-me de um conto do saudoso Rubem Alves, denominado “Ensinando a tristeza”, onde relata a necessidade de ensinar aos seus alunos(as) a tristeza, reconhecendo-a e vivendo-a, para que pudessem experimentar todo o potencial que ela tinha a lhes oferecer. Ele acreditava que com a tristeza se fazia melhor o coração. Nos ensinava, assim, algo muito profundo. O método autobiográfico, na sua experiência grupal, nos dá a sutileza de reconhecer um pouco de nós nos outros e um pouco dos outros em nós. Nos ajuda a aprender que uma reflexão sobre algo é uma prática potente no processo de autoformação.

Rubem Alves nos ensina ainda que para haver compaixão é preciso saber estar triste; porque compaixão é sentir a tristeza de um outro. Acho que vivenciamos isso na roda.

Lógico! A alegria esteve presente por nossa roda! Quem viveu, sabe do que falo. Mas foi a tristeza que nos uniu. A forma que pudemos captar-lhe, significá-la em Atos de compaixão, foi o que cultivou e cativou os laços (Atos com “A” maiúsculo não é erro de grafia, pode até passar despercebido para alguns, mas não para quem esteve naquela roda. Atos, com “A” maiúsculo, é uma oportunidade de aprender lições sobre o fazer e o desfazer da vida, é um refazer-se que revela amor e essência, momentos e reflexões que engrandeceram a história de uma mãe e de um filho que estava novamente a nascer).

Vimos que a falta de um, estava acolhida nos braços e abraços dos outros. Porque nossas experiências nos conectaram, nos modificaram e conseguimos a proeza de tecer saberes (locais e globais) que fincarão pegadas no nosso existir.

Termino ainda no começo, texto incompleto, inconcluso, talvez até impertinente, imprudente, onde sequer apresento o mínimo que programei para escrever. Assim, invoco para me despedir, uma frase do Caetano Veloso, tentando dar um “desfecho” àquilo que nunca irá se fechar: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Talvez essa frase nos conecte com a experiência do que é uma pesquisa biográfica.

Manoel de Barros nos ensina que não devemos medir a importância das coisas com fita métrica, nem com balanças, nem com barômetros, etc. Ele diz que a importância das coisas há de ser medida pelo encantamento que as coisas produzem em nós e, honestamente, fiquei muitíssimo encantado com o que vi e vivi, por isso, não há outra palavra para descrever essa experiência senão GRATIDÃO!

Mossoró-RN, 11 de julho de 2022.

Por, Luiz Antônio Gomes Lopes.

Maria Clara Fernandes Araújo de Paiva

“Entre furos, linhas e nós: uma costura autobiográfica a partir do encontro com a diferença”.

Falar em primeira pessoa: o ofício-desafio proposto ao participar da oficina de escrita autobiográfica. Por um lado, este é um feito corriqueiro e sintomático da contemporaneidade das virtualidades e dos distanciamentos entre afetos e representações, contudo, contraditoriamente, evita-se falar em primeira pessoa no ambiente acadêmico. O que poderia acabar sendo denunciado a partir disto? O que tanto é temido entregar de si mesma(o) quanto ao se que diz do próprio objeto de desejo? O que de nossos narcisismos e faltas poderia escorregar, ser desnudado e visto? Qual mal tornamos significante e sinônimo ao nos depararmos com a falta? Já neste giro discursivo, mudo a flexão desta narrativa: eu. Falar sobre o exercício ao despudor e ao questionamento a mim mesma enquanto pesquisadora, remonta-me ao meu próprio percurso de análise. Não à toa, tenho levado a minha própria proposição de pesquisa ao divã e aos imprevisíveis efeitos da exposição (extra-grupo-depesquisa) nesta oficina. Afinal, há algo que precisa ser falado, questionado e costurado não somente entre pares que coadunam da perspectiva psicanalítica, mas entre aqueles(as) que a detestam – os(as) quais não são raros(as) e com quem também não me furtei de esbarrar na oportunidade da atividade. Faz-me pensar: escrevo a partir da diferença. Foi ela mesma que me convocou o corpo, ao campo, do corpo ao campo, mas também, do campo ao corpo. Uma experiência de reversão-reinvenção de um logos rígido, mas de fidedignidade ao encontro com o Outro. Aliás, o que pode de mim emergir diante aquilo que não é meu, mas que experiencio a partir de uma outra posição? “Ir-além”, um dos colegas oficinairos pontuou enquanto discutíamos sobre o lugar além assistencialismos, catequismos, colonialismos e patologias ao qual me propunha, sempre atravessada pelo meu corpo branco, feminino, voluntário, entre as bordas dos signos da violência e do cuidado. É fato que as diferenças me inquietam e penso ser esta a primeira e última via capaz de criar, entre várias(os), novas possibilidades de pactos e alianças – a exemplo do encontro entre Portugal e Brasil em que se deu a vivência da oficina. Retorno, inevitavelmente, ao nós. Aos nós. Quantos(as) de nós não produzimos posturas coloniais e discursivamente colonizadoras? Diante quais saberes e interlocutores nos barramos, seja por defesa do território do próprio percurso de saber ou por feridas ainda escancaradas? Parece-me inevitável este movimento dialético mesmo em autobiografia. Falar sobre nós (entrelaçamentos) e sobre nós mesmas(os), para além de

nos colocar em questão, põe-nos em relação. Não à frente, mas ao lado. Em um círculo nada-perfeito, quiçá oval ou espiralado, com suas brechas e curvas vitais para respiro... E quem sabe, em uma ciranda, onde se produzam cantos, contos, ecos e novos territórios – raízes de cada território-mãe.

Maria da Conceição Fernandes de França

“Histórias de si, histórias em mim: as narrativas infindas através do método biográfico”

Historicamente muitas pessoas tiveram as suas vozes silenciadas, sobretudo, quando estas implicam alguma interferência nas ações normatizadas ou convencionais que ditam formas e modelos de vida na sociedade. Mas, quem ousa quebrar estes estereótipos impostos de maneira tão agressiva e, muitas vezes, violenta? Terão os sujeitos as suas vozes ouvidas e ecoadas? Quem as escutará?

O método biográfico traz na sua riqueza metodológica a possibilidade da atenção, da escuta e do compartilhamento dos anseios, inquietações e, sobretudo, das diversas vertentes subjetivas que estão no cerne da essência da condição humana. As histórias dos sujeitos se materializam através da imortalidade das narrativas transcritas e compartilhadas na consolidação das pesquisas.

Desenvolvi a minha pesquisa de mestrado a partir das narrativas de mulheres professoras e atuantes no movimento popular de educação, no sentido de revelar, a partir das suas histórias de vidas construídas na luta coletiva e partilhadas no ofício da prática docente, como estes espaços se configuram enquanto construtores da formação humana e cidadã. Escolhi o método biográfico justamente para abrir espaço para que estas tivessem as suas histórias de vida compartilhadas e, assim, serem referências dentro da academia para que outras pesquisas busquem explorar os contextos dos sujeitos que constroem outras possibilidades de se fazer história e contribuir com diversos percursos formativos.

Ao tomar conhecimento acerca do curso sobre o trabalho biográfico não hesitei em efetuar a minha inscrição e, assim, ter a oportunidade de vivenciar experiências tão ricas e significativas que exploram o referido método. De cara houve um encantamento com a forma como a professora Dra. Elsa Lechner abordou o assunto e a sua condução tão perfeita na continuidade dos trabalhos. O tema de ordem dos dias foi “humanizar a pesquisa”. Fizemo-nos sujeitos humanos, humanizados e interlocutores das vozes de tantas pessoas ainda anônimas, mas que já se fazem presentes nas linhas iniciais dos projetos de pesquisa. Como é bom sentir que as nossas pesquisas carregam o importante papel de darem força e som para as narrativas dos sujeitos e suas histórias tão carregadas de vontade de serem ouvidas e de se constituírem como símbolos de luta, resistência e transformações na sociedade.

A metodologia utilizada pela professora deu vazão para que as nossas reflexões encontrassem nas importantes contribuições dos colegas não as respostas, pois esta não era a intenção, mas os caminhos por onde trilharmos com os nossos questionamentos. Linda e eficiente proposta de trabalho nas oficinas. Mexeu com todas as nossas inquietações e atiçou cada vez mais a vontade de romper os silêncios e fazer ecoar os gritos por liberdade de existir, fazer da academia espaço de se construir histórias. Impossível conter as emoções diante da oportunidade das histórias compartilhadas no decorrer das oficinas.

Gratidão é o primeiro sentimento que carrego ao concluir a minha participação no curso. A segunda é a certeza da importância deste método para o alcance das mudanças necessárias na vida das pessoas para que estas intervenham nos seus espaços e promovam as transformações na sociedade, de modo que outro mundo mais justo e humano seja possível para se viver. E que todas, todos e todes vivam plenamente os seus direitos de serem e estarem onde quiserem.

Como resultado das vivências compartilhadas, aguça em mim uma vontade ainda maior em trazer à tona outras histórias de vidas de tantos sujeitos e suas identidades violadas, negadas e atravessadas de dores, mas carregadas da força e da vontade de fazer valer o direito de serem quem quiserem. No convívio com estes sujeitos eu me permito um desadestramento pessoal diário e pretendo contribuir para a conquista de uma nova sociedade em que o respeito e a liberdade prevaleçam, tendo a pesquisa como instrumento de intervenção social.

Marcus Vinícius Filgueira de Medeiros

“A Oficina de projeto: Um momento de devir em coletivo”

Participamos da oficina colaborativa em trabalho biográfico nas Ciências Sociais, em julho de 2022, na UFRN, com a doutora Elsa Lechner, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Foi um momento de descobertas, aprendizagens, troca de saberes e convivência com outros sujeitos que se inquietam pelos processos de humanização nos rigores metodológicos.

A oficina, como o próprio nome diz, foi um momento de desconstrução e construção de pensamentos, ideias e afetividades a partir dos projetos de pesquisa já alinhados por mestrando, e diálogos com quem também já está galgando o doutorado. Cada um pode degustar do olhar do outro acerca de temas diversos, de problemáticas do universo sociopolítico e cultural, assim como das incertezas e complexidades que permeiam os sujeitos dispostos a pesquisar, se comprometer com as complexidades da produção humana.

Mergulhar nesse mar do método biográfico e se descobrir pesquisador é colocar em prática aquilo que tanto foi praticado na oficina: planejar a ação, escolher os sujeitos e saber ouvir! A escuta é precisa e necessária. Não pode acontecer de forma aleatória, por mais que o pesquisador não possa interferir no discurso do entrevistado, é preciso cautela, preparo, leitura, afinidade com o objetivo da pesquisa. O cultivo simbólico do respeito entre as partes envolvidas é de suma importância para que o trabalho biográfico tenha êxito.

A oficina foi essa manifestação de querer aprender, de aprender a ouvir e observar os processos com zelo e um olhar humanizador. Cada oficinairo teve a oportunidade de experimentar as fases do processo: se apresentar, apresentar o projeto, ouvir a ressonância a partir do olhar do outro, pontuar as sugestões oralizadas, crescer no processo. O que mais chama a atenção é o estalo dado para esse ponto: o pesquisador vai crescendo, se desenvolvendo com o processo quando se disponibiliza a não se fechar, mas se abrir para a reflexão, para o processo de maturidade em saber como conduzir a pesquisa. Muitas vezes é preciso parar, avaliar e até mudar o foco.

Acreditamos ter sido um momento de devir para os que estavam atuando naquele

momento: ninguém sai do jeito que entrou, pois, a oficina é um momento de entrega, de se deixar levar, de se ancorar no desejo de realização de uma ciência das narrativas, das memórias, das subjetividades, de tornar visível tantos sujeitos que foram anônimos a vida inteira.

Isabel Cristine Machado de Carvalho

“Sobre uma experiência mobilizadora de esperança, de sonho e de nutrição”

A disposição do grupo em um círculo, todavia não um círculo qualquer. Uma espiral de vozes e rostos desconhecidos, em sua grande maioria, permitindo-se ouvir, sentir, acolher de maneira respeitosa e afetuosa apesar das diferenças em cada um dos sujeitos ali sentados. Paradoxalmente, as diferenças por vezes se faziam aproximações. Um tempo fora do tempo. Algo que muito chamou minha atenção quando o círculo foi aberto: o tempo pareceu ficar em suspenso. Espiralado, ele possibilitou perceber uma outra dinâmica, sobretudo, aquela que dinamiza uma escuta focada na responsabilidade pela história do outro, suas dores, descobertas, aflições, desejos e conquistas.

A oficina de projetos, a partir do método Oficinas Biográficas, ressoou com uma possibilidade de reconexão com o sagrado da narrativa. E trago a palavra narrativa, uma vez que não é possível narrar sua própria história ou a do outro sem o compromisso verdadeiro da escuta. Pois bem, acredito em sincronicidade (aqui tomo de empréstimo o conceito de C.G. Jung) e um dia antes da oficina iniciei a leitura do livro 13 bruxas: entre o espelho e a alma, da escritora sergipana Ana Azevedo. Logo nas primeiras páginas, um parágrafo em particular me fez saltar os olhos: “Para narrar é preciso ter antes escutado, no entanto, é essencial que se aprenda a ouvir o silêncio de forma vigilante e observadora. [...] Quando se pede em um grupo que alguém narre alguma coisa, o acanhamento se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável, a faculdade de intercambiar experiências.”

Não há realmente terreno seguro ao narrar nossas trajetórias. A experiência foi um desnudamento coletivo, um espelhamento alquímico e a reunião dos fios que ali se atravessavam no tear de cada um nós. O método Oficinas Biográficas vislumbrou o exercício para além de uma prática respaldada pelo rigor científico. Permitiu acionar o campo das sensibilidades, o lugar de outra sabedoria, de outra estação, de um outro tempo. Ou seja, não apenas a Ciência com o “C” maiúsculo, mas também a ciência com o “c” minúsculo, como bem nos provoca a experimentar a filósofa Isabelle Stengers.

Sobre esse espelhamento alquímico, marcado pela vivência, várias vezes me vi na fala do outro e, certamente, o outro se enxergou em mim, apesar das diferenças.

Percebi como quase um processo sistêmico e, por isso, retomo a concepção de

sincronicidade. Interessante observar que as narrativas se encontravam em temáticas comuns a todos os participantes: a questão da espiritualidade e da preocupação com o meio ambiente, a Mãe Terra (para mim uma divindade feminina, a Deusa).

Termino minhas impressões com a sensação mobilizadora de esperança, de sonho e de nutrição. Três palavras importantes diante de tantos desafios contemporâneos. Aprendi a respeito de ouvir por meio dos silêncios, dos abismos e das fissuras. Mergulhei num processo de poder refletir sobre as aventuras e desventuras humanas e, por essa razão, sou demasiadamente grata ao universo pela possibilidade de participar de um círculo onde nos foi permitido sonhar, aquietar nossas águas quase sempre nunca calmas.

Na bruxaria neopagã, alguns covens costumam encerrar seus trabalhos mágicos (que é realizado em círculo) proferindo o seguinte verso: “O círculo está aberto, mas não foi quebrado. O amor da Deusa está dentro de nós. Feliz encontro, feliz partida, para um feliz reencontro”. Tomando de empréstimo o entoar poético das bruxas e bruxos, desejo que o círculo dessa oficina (já aberto), muito embora finalizado, jamais seja quebrado.

Natal-RN, inverno de 2022.

Alexia Lima Ribeiro

“Com outros olhos para o mundo”

Me chamo Alexia, sou caloura do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, recém-entrada no meio acadêmico. Me inscrevi na oficina por recomendação de um professor querido, até então não conhecia a professora Elsa e nem o seu trabalho, mas me surgiu esse interesse por ouvir do meu professor como seu trabalho é incrível e que seria importante participar. Eu não tinha ideia do que me esperava nem do impacto positivo que a oficina teria na minha vida, não só a acadêmica como também a pessoal. Inicialmente tive receio de ir, por ser caloura não tinha projeto para levar, não fiz o texto que foi pedido na aula inaugural, mas acabei por vencer o medo e fui mesmo assim. A professora foi compreensiva e me deu alguns minutos para escrever, e eu sendo a primeira a falar, fiquei bastante nervosa e não consegui escrever muita coisa. Ao começar a externalizar minhas palavras logo me emocionei, pois foi um momento em que eu pensei em vários aspectos da minha vida, minha trajetória até ali e o que seria de mim dali para frente. Foi um ambiente acolhedor, onde não tive medo de falar dos meus medos e receios sobre meu futuro acadêmico que havia acabado de começar. Ouvir o ressoar dos outros sobre mim foi reconfortante, onde eu me conectei com pessoas que eu nem conhecia, mas que me entendiam de certa forma, me senti guiada. No decorrer da oficina, ouvir os outros dar o seu ponto de vista foi algo inspirador. Uma riqueza de conhecimentos, trocas de experiências e exposição de projetos, um momento que alimentou a minha curiosidade e minha motivação, onde eu me senti em um mundo de inúmeras possibilidades possíveis para prosseguir. Ouvir cada um deles foi ver aspectos da humanidade que eu não conhecia ou pouco ouvia falar, muito enriquecedor. Sou muito grata por ter participado da oficina da professora Elsa, sinto que depois dela minha vida acadêmica passou a caminhar de outra forma, com outros olhos para o mundo, e que minha trajetória será muito melhor agora. Obrigada por tudo.

Natal-RN, Julho de 2022
Alexia Maria de Lima Ribeiro

Andrezza Lima de Medeiros

“Uma humana ciência”

Ao assistir a palestra de abertura sobre as oficinas colaborativas percebi que a cada palavra dita pela professora Elsa Lechner, eu adentrava cada vez mais no método das oficinas sobre o qual ela explicava calma e apaixonadamente. A maneira como ela discorria acerca do entrelaçamento entre experiência, memória e pesquisa foi me envolvendo, ao mesmo tempo em que despertava minha curiosidade. A fala da professora foi tão preciosa que guardei várias anotações e saí daquele primeiro contato com as ideias em novo movimento. Depois disso, fiquei confiante de que a oficina seria um processo de ressignificação singular, justamente, por ser coletivo. A oficina da qual participei me fez sentir muitas emoções distintas e, inevitavelmente, memórias vieram à tona. A primeira pessoa a falar no meu grupo foi Alexia, que está no 1º semestre da graduação no curso de Humanidades (UFRN), e antes de iniciar sua fala, sua emoção chegou primeiro. Acredito que essas lágrimas nos deslocaram para um outro tempo e um outro espaço. A partir de então, não estávamos mais circunscritos dentro de uma Universidade pública federal, estávamos criando elos, união, solidariedade, afetos – alguma alquimia aconteceu no círculo ao compartilhar da vivência e sentimentos de Alexia. Isso foi excelente porque nos despiu de certos paradigmas acadêmicos e nos conferiu leveza, talvez, porque algum peso foi ali liberado. A memória de um outro tempo da minha vida estava ali, também, presente. Um tempo no qual estava iniciando a graduação em Ciências Sociais (2006) e tinha assumido novas responsabilidades, com outras maneiras de pensar através de teorias e métodos. A força existente na emoção de Alexia me fez perceber, mesmo sem ela mencionar, sua luta interior para estar ali como aprendiz do início de um curso, mas ensinando que as grandes lições humanas continuam passando pela humildade e capacidade de sentir.

Pude perceber que a oficina colaborativa possibilita uma transformação, da ordem da metamorfose invisível, mas, nem por isso, menos palpável. Gentilmente, me senti conduzida em um caminho de autoconhecimento guiada pela pluralidade de ideias, tendo como faróis a escuta atenta e respeitosa, o acolhimento ao que sentia (corpo-mente-espírito) enquanto ouvia o outro com solidariedade para, então, oferecer a ressonância. Durante esta experiência a compreensão de que *unidos somos mais fortes* vinha à minha memória, assim como outra frase da professora Elsa, na palestra de abertura, que me levava a acreditar na compreensão

de me dar valor, além do prestígio.

Um elemento fundamental na oficina é o ato de *descascar* que, naturalmente, foi acontecendo desde o início desta experiência; e a cada componente do grupo que falava, novas camadas iam sendo retiradas com muita delicadeza e respeito porque nos permitimos estar ali compartilhando daquele outro tempo. Dentro do círculo, construímos um sentimento de pertença para além do elo do grupo que foi sendo alinhavado a cada palavra, gesto ou sentimento expressado. Mais do que isso, penso que nos foi oferecida a oportunidade de pertencer a nós mesmos com toda potência de afetos, oralidade, silêncios, diferenças, fragilidades que comportamos em nosso ser.

O método utilizado pelas oficinas é totalmente coerente com a proposta. Sua riqueza está em cada detalhe: desde a formação de grupos, passando pelo acordo verbal da escuta respeitosa (e neste aspecto cabem inúmeras dimensões do sujeito – criativa, política, reflexiva) até chegar nas ressonâncias, onde traçamos um percurso de referências simbólicas, sociais, existenciais que converge com a intenção de uma construção de saberes, do diálogo intercultural, de identificações. O método possibilita um lugar de acolhimento e segurança que nos faz falar o que nem sabíamos que era preciso revelar. Nesta experiência, me senti, verdadeiramente, uma recebedora de memórias tanto minhas quanto dos colegas.

Uma característica marcante do método é o efeito sistêmico do grupo. O aspecto coletivo fortalece a singularidade dos sujeitos que ali estão; estabelece-se um vínculo forjado no silêncio e na palavra que nos une e nos move como um único organismo vivo e pulsante que pensa e age a partir da distinção, porém consciente da própria essência. O resultado disso é o entendimento de que precisamos gerar a cultura da hospitalidade. E esta só consegue vir à tona quando acolhemos nossa humanidade, embora confrontados por nossas diferenças.

O mundo é um lugar de não-compreensão, que cada vez mais vai na contramão do diálogo, do respeito e da escuta. A pesquisa biográfica ressoa para mim como a alternativa de um outro caminho no qual podemos reconhecer uma dimensão cívica por ter consciência ética e participar da *cidadania da escuta*, e, ainda proporciona uma vigilância epistemológica e existencial. O método da pesquisa biográfica traduz para mim a imagem de uma árvore de palavras, pois cada pessoa do grupo expõe seus pensamentos em palavras, e o grupo também orbita em torno de palavras-chave. No fórum de debates, notei que cada dia de oficina tem uma palavra dominante, em torno da qual circularam as ressonâncias; com isso, fomos construindo essa experiência de maneira a criar uma árvore frondosa e frutífera que dá muito mais do que saborosos frutos do conhecimento.

O aprendizado maior foi constatar que podemos fazer uma *humana ciência*, que se permite sentir sem deixar de ser científica. É que, mais do que isso, a percepção de que somos cidadãos do mundo quando buscamos nos conhecer e refletir, coletivamente, sobre nossos

pertencimentos e trajetórias de vida. Fica impresso em mim, um senso de generosidade, apreciação da escuta e riqueza das relações humanas mais suaves e pertinentes com a construção de um outro mundo possível. Gratidão!!

Valtenci Lima de Oliveira

“Uma ferramenta fundamental para a academia e a sociedade”.

Meu nome é Valtenci Lima de Oliveira, sou aluno da Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Atualmente minha pesquisa é sobre a relação entre Religião e Meio ambiente, sendo orientado pelo Prof. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

No mês de junho de 2022, fui encorajado por meu orientador a participar das oficinas colaborativas que seriam oferecidas por nosso Programa em parceria com a Universidade de Coimbra. Tive então a oportunidade de conhecer, pessoalmente, a generosa professora Elsa Lechner, uma vez que em outras ocasiões já havia participado do Café literário Quinta dos Girassóis, de forma remota, onde ela também tem contribuído muitíssimo.

Que aventura fantástica e que descobertas maravilhosas experimentei com o método proposto pela professora Elsa. Conheci algumas pesquisadoras em meu círculo de escuta e ressonâncias que me cativaram não só pelos interesses de pesquisa, mas, especialmente, por um pouco de suas histórias de vida que me permitiram conhecer. O método nos ajuda a ver quem está por trás dos sujeitos ou dentro deles; seus sentimentos, particularidades, emoções, pluralidades, angústias, espiritualidades e tantas outras coisas.

No círculo de escuta, nós nos sentimos mais humanos e as conversas e ressonâncias não são verticalizadas mas horizontalizadas, o que nos permite experimentar a vida na vida o que nos leva para além da preocupação com nossos objetos de pesquisa, com a formação do Ser. Conhecer o outro e nos encontrar nas palavras e experiências do outro nos faz pessoas melhores e nos traz um conhecimento necessário, para pesquisa e para a vida.

Tive em minha experiência na oficina a alegria de estar rodeado de mães, filhas, irmãs, amigas, professoras etc. Elas eram de uma generosidade fantástica! Quanta luta, quanta vontade de viver e criar, quanta superação, quanta resistência, quanta resiliência, quanta sabedoria, sem falar, no espírito empreendedor tão presente, e quanto amor em cada palavra e gestos.

Realmente aprendi muita coisa, aprendizados que me atravessaram e foram marcantes na compreensão de que para fazer pesquisa tão importante quanto os métodos, as teorias e as técnicas, que são tão necessários, precisamos também de humildade, empatia, generosidade,

humanidade etc, que podem ser sintetizados em algumas frases que ressoam um pouco da vivência nos círculos: “a aprendizagem colaborativa é fundamental”, “é preciso respeitar mesmo sem compreender”, “deixar o outro ser sem questionar”, “a partir do encontro a gente se modifica” e “é preciso colocar sempre caridade nas palavras.”

Por tudo o que eu disse aqui considero o método oportunizado pela professora Elsa, um Ser de uma doçura incrível, uma ferramenta fundamental para que a pesquisa científica, a partir, especialmente, da escuta se torne ainda mais relevante para a academia e para a sociedade como um todo.

“Bons círculos!”

Brígida Cavalcanti Alves

“Um saber-fazer face à rigidez das instituições”

Alguns dias antes do evento soube que a UFRN receberia uma professora para falar sobre trabalho biográfico e que as inscrições estavam acontecendo, mas confesso que a curiosidade maior foi saber de oficinas sobre a temática. Do que se trataria tais encontros? Fisgada por essa curiosidade de saber, me inscrevi.

A abertura com a fala de Elsa sobre as pesquisas biográficas e a sua provocação para que escrevêssemos sobre nossas pesquisas, não de modo acadêmico e formal, mas do que nos levou a escolha do tema, proposta metodológica, percurso com a pesquisa, foi surpreendente. Tal convite chegou a mim como um respiro, uma possibilidade em recorrer a minha história e perceber que o percurso de uma pesquisa se faz, às vezes não tão evidente, ali. A história do pesquisador amparará suas escolhas.

Assim se deu o encontro com a oficina, como um modo de validar o percurso que acontece antes, muitas vezes oculto no ato da escrita acadêmica. Senti o conceito de escrevivência de autoria de Conceição Evaristo sendo posto em prática, e durante todo o dia da quinta feira estivemos em formato de roda, atentos às escrevivências de outros e nossa. Recordo de ter sido um dia de trabalho intenso, de realizar e perceber a fineza e gentileza nas escutas feitas por mim e pelos colegas que apontavam caminhos.

Iniciei o dia sentindo receios e incertezas, mas encontrar com outros, tão diferentes e próximos na decisão por estar naquele lugar, me possibilitou perceber que a dureza da academia, por vezes, dificulta construções. Como uma trama de costura, cada ponto foi desenhando modos singulares de história e pesquisa, e com a linha da palavra aconteceram cortes, nós e bordas frente as dificuldades apresentadas por cada um.

Saí dessa experiência não só com uma nova escolha para minha pesquisa, agora a cartografia me acompanhará na tessitura sobre os afetos que o objeto de pesquisa - racismo - escancara aos psicanalistas e a mim, como também a escolha de escrever em nome próprio, sobre o próprio da vida. Dessa forma, a inscrição de uma borda dentro da pesquisa se apresentou como um “saber-fazer” frente a rigidez do social e das instituições.

Cícera Pinheiro Batista

“Oficina de Projeto: um infindável aprendizado”

Sou Cícera Pinheiro Batista, atualmente cursando o mestrado nas Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Orivaldo Pimentel Lopes Júnior. Meu objeto de pesquisa, está relacionado a manutenção dos laços sociais sob a atuação das mulheres religiosas em uma comunidade autodenominada indígena por nome Amarelão. Em junho de 2022, tomei conhecimento do trabalho biográfico em ciências sociais (oficinas colaborativas em debate), através do meu orientador sendo estimulada a participar dessa experiência singular.

O momento em que participei (07/07/2022) com a professora Elsa Lechner e demais presentes, me trouxe as mais diferentes emoções porque me proporcionou a experiência única de ouvir e ser ouvida por pessoas com quem eu estava tendo um contato pela primeira vez presencialmente. Algumas das outras pessoas eu estava conhecendo naquele momento. Para mim, a riqueza da oficina esteve exposta na forma como foi conduzido o compartilhamento de vivências porque proporcionou que as ressonâncias expusessem questões com ressalvas importantes sobre as pesquisas em andamento. Quanto a mim, passei a ter uma outra visão sobre muitos dos temas em argumentação e isso me levou a refletir sobre meus posicionamentos acerca da função das linguagens artísticas na sociedade, bem como sobre a disseminação dos preconceitos no mundo acadêmico e do trabalho dentre outras abordagens.

Algo interessante que aconteceu durante a oficina tem relação com o momento em que tive de tratar das minhas motivações que impulsionaram a minha pesquisa. Passei a compreender a partir da ressonância que os participantes fizeram sobre minha exposição, que eu tenho negligenciado o trato sobre mim na escrita do texto. Isso reflete no distanciamento que tenho mantido entre mim e meu objeto nesse processo. Percebi nas minhas falas a rigidez com que cobro de mim essa distância, que as minhas motivações, talvez imperceptíveis para as pessoas do meu entorno, foram clarificadas para mim a partir desse momento.

A oficina colaborativa oportunizou uma nova experiência em que tratamos sobre os diferentes métodos desenvolvidos pelos participantes, bem como exploramos um pouco cada um dos temas apresentados. Foi uma oportunidade até mesmo de estabelecer um diálogo interessante e oportuno sobre estes, que fez vislumbrar possibilidades de leituras a partir das

quais eu poderei ampliar meus horizontes para novos projetos. O que ficou para mim sobre a oficina, é que o infindável aprendizado enriquece cada vez mais o ser humano culturalmente, socialmente e politicamente.

Thiago Isaias Nóbrega de Lucena –

“No limite circular entre razão e sensibilidade”

Para escrever este relato me valho de uma expressão e um trecho de texto que me soam familiares com relação ao que experimentei viver na oficina autobiográfica conduzida por Elsa Lechner, pessoa que admiro sobretudo por sua capacidade de hospitalidade que se desdobra no seu método, seu jeito de estudar, conduzir as situações, justamente porque é seu jeito de ser gente.

A expressão que recordei é “lógica do sensível” cunhada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss para falar de uma “ciência do concreto” que se dá numa dimensão menos simulada e mais próxima dos fenômenos, portanto mais perigosa e “selvagem” (não do selvagem). Quando o nosso círculo se estabeleceu sob a condução de Elsa começou rapidamente a emergir um exercício mais próximo de uma lógica do sensível porque as pessoas se conectaram em torno e em busca de algo maior que tem a ver com o desejo de contribuir generosamente com as ideias narradas pelo outro. É preciso que se diga – e também é por isso que a expressão de Lévi-Strauss me ocorreu – que experimentamos na nossa oficina um desejo muito latente de demonstrar cientificidade por parte de nós integrantes, mas não era aquela cientificidade estéril que prescreve diagnósticos ou análises de conjuntura. Fui percebendo que todos os presentes abriram os ouvidos para fazer um exercício de cuidar uns das ideias dos outros. Todas as contribuições que apareciam na forma de indicação de leitura, propostas metodológicas, correção de termos e/ou mesmo indagações se ofereciam sensivelmente para que todos se percebessem cuidados, inseridos no universo de preocupação de cada um.

É claro que nesses relatos, em sua maioria de pesquisas científicas, aparecia as mais diversas faces dos sujeitos narradores que, de perto ou de longe sempre desejam mudar o mundo, seja pela arte, psicanálise, engajamento social, educação, inclusão... Todos estavam abrindo suas emoções, mesmo que pela lógica da razão (quem sabe unindo “mitos-logos”, outra expressão utilizada pelo antropólogo belga-francês) como se quiséssemos dizer: “abro diante de vocês minha caixa de razão, mas essa razão está impregnada de minhas emoções e desejos de construir outros mundos possíveis.”

Esse movimento me remete para o trecho que disse ter recordado no início deste texto. Se trata de: “Poesia e Ciência são entidades que não se podem confundir, mas podem e devem

deitar-se na mesma cama. E quando o fizerem espero bem que despam as velhas camisas de dormir.”, escrito pelo Poeta-Biólogo moçambicano Mia Couto. Penso que poesia e ciência entraram no círculo e suas camisas de dormir foram se despindo à medida que aprofundávamos a abertura de escuta e a generosidade de partilha.

Estou certo de que as investigações de nós que ali estivemos não continuarão as mesmas de antes e digo isso porque fomos capazes de expor, de verbalizar e colocar à disposição nossas intenções e pensamentos para o círculo. Isso sempre faz mudar alguma coisa de lugar.

O fazer da ciência não precisa ser revestido de cinzentas camisas de dormir, não precisa ser árido. Ao contrário, precisa estar o tempo inteiro de mãos dadas com a “poesia da vida”, como diz Edgar Morin, ou seja, que se torne de fato algo que fazemos para viver e não somente para sobreviver.

Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos

“Deixar, e deixar-se, SER”

A participação nas oficinas autobiográficas, independente do tema proposto, sempre me traz experiências muito singulares. Esta foi minha terceira Oficina. É interessante observar que cada oficina tem suas próprias peculiaridades, tem sua “magia”. O tema da Oficina e a nossa fase de vida são os condutores, mas contemplarmos as paisagens depende de nossa capacidade de estar presente e “observar”, em silêncio, os sons, os ecos, os silêncios, nossos e dos companheiros.

Estar em um grupo com 09 outras pessoas, que são tão diversas, em suas formas de ver, de pensar, de ouvir. Com motivações tantas. Oportuniza-me “o dom” da escuta. Escutar simplesmente escutar, sem necessitar intervir, sem necessitar dar uma solução, sem necessidade de entender. “Deixar e Deixar-se SER”.

Risos, choros, incômodos, indignação, raiva, ódio, amor, dor, morte, etc... são temas que perpassam nossas vidas, aos quais reservamos, àqueles que temos como negativos, o fundo do baú. Encobrimo-os, invisibilizando-os. Mas eles emergem, vez ou outra, dirigindo nossos passos, sem percebermos. Senti que na escrita e na narração oral, esses “monstros” vão aparecendo sutilmente, ganhando forma, e se diluindo. Eles perdem suas forças. Por quê? Por que quando falamos sobre eles, o outro também fala sobre eles, e o outro também, ao nos escutar e escutando o outro, passamos a ter a percepção que podemos olhar para eles e dizer: “Tudo bem, você existe, mas você não será o protagonista da minha história. Eu sou o protagonista.”

Com as Oficinas Autobiográficas eu desenvolvo o método científico através de minha própria experiência, mas também, desenvolvo minha Escuta, meu Olhar, e minha Voz, não apenas como pesquisadora científica, mas como um Ser, Humano, Natural, como Katiuscia. E isso faz toda a diferença. “Sermos para além dos títulos, e permitirmos que o outro também o seja”.

10 de julho de 2022, Natal -RN, Brasil

Miriam Flávia de Araújo

“Aprender a ouvir”

Participar da oficina sobre o método biográfico foi extremamente importante para mim, a partir de alguns aspectos os quais destacarei aqui nesse breve relato.

Primeiro, retornar à universidade depois de quase dois anos e meio devido a pandemia. Circular nos corredores do Departamento de Ciências Sociais me trouxe memórias de um tempo o qual fiz mestrado. Ali, aprendi muito e vivi experiências que só a universidade nos proporciona. O desejo de voltar a estudar foi ascendido e a oficina se tornou uma grande impulsionadora para esse retorno.

Uma outra questão foi o motivo que me fez ir à universidade, participar de um momento o qual pude refletir sobre um método tão importante, o qual já havia trabalhado no meu mestrado e depois de algum tempo pude reencontrá-lo de uma forma tão rica apresentado por Elsa.

Destaco também, o momento de partilha dos projetos que foi realizado, o exercício do ouvir com paciência cada um daqueles textos, me fizeram ir para várias dimensões e ver a riqueza da pesquisa científica atrelada as diversas histórias de vida e contextos lá apresentados. Não se tratava apenas de projetos de pesquisas, mas também de projetos de vida que foram expostos e eu de uma forma simples pude participar ouvindo, comentando, registrando. Quanta aprendizagem!

Ao partilhar minha pesquisa e me colocar diante daqueles quatorze participantes não pude conter a emoção de falar mais uma vez da história da professora Dalcy. Não foi apenas um ato de apresentá-la e sim de reafirmar a força que cada um temos nos processos de construção de nossas histórias de vida. Lindas sugestões foram dadas para uma possível pesquisa de doutorado usando o método biográfico como primeira opção metodológica. Gratidão a cada fala.

A cada relato ali exposto, a certeza que em mim se reafirmava é de que a caminhada da nossa história é repleta de desafios, momentos complexos e é tudo isso que nos faz ser quem somos. Naquele grupo encontrei pessoas que partilhavam de muitas questões semelhantes as minhas, logo me senti acolhida.

Por fim, destaco aqui toda a sensibilidade de Elsa que mediou esse momento brilhantemente respeitando nossas falas, dores e anseios. Elsa nos ensinou de uma forma muito poética como devemos trabalhar com a escuta, a oralidade o registro. Não sei se todos perceberam isso, mas ao fazer aquela roda com todo o cuidado e abrindo os espaços de fala, Elsa estava a nos dizer que Ciência também se faz ouvindo, percebendo, refletindo.

Com muito afeto e gratidão! Natal, julho 2022.

Paulo Dourian Pereira de Carvalho

“Oficina de projeto: a produção de conhecimento humanizante”

É mais fácil tecer as palavras quando elas simplesmente brotam do coração, da alma, do âmago do Ser. Não há esforço, pelo contrário, a escrita se torna fluida como um rio que corre, cujas águas tranquilas desenham a serenidade na terra. É como criar, alquimicamente, um perfume, em um árduo processo repleto de beleza, prazer e contentamento. Imerso no presente, no instante em que escrevo esse texto, resgatando as memórias recentes de um dia especial, é como reviver um dia sublime, tal como sentir um perfume da lembrança. Estar acompanhado da professora Elsa Lechner e de tantos colegas incríveis, em 07 de julho de 2022, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi uma grande dádiva. É impossível mensurar a importância de tantos aprendizados. Se eu pudesse resumir, diria que foi um momento de maravilhas indizíveis.

Apesar da “inefabilidade” da experiência, os seus efeitos são profundos. A metodologia conduzida por Elsa Lechner revelou-se um grande presente, um genuíno exercício de escuta e atenção ao outro. Cada um (a) de nós tivemos a oportunidade de falar sobre as nossas trajetórias de vida, os nossos esforços de pesquisa. Logo após, fomos agraciados com as ricas contribuições dos (as) nossos (as) colegas ouvintes, o que permitiu o estabelecimento de um diálogo profícuo e extremamente agradável.

Durante a oficina percebi alguns elementos que gostaria de destacar: empatia, escuta sensível, a aspiração genuína em cada participante em colaborar com o (a) colega. Foi, de fato, uma oficina colaborativa. Ao expressarmos as nossas narrativas, falamos sobre anseios, expusemos dúvidas, nos emocionamos, fomos acolhidos em nossas angústias. Por vezes, tive a impressão de que ali havia se tornado um lugar de escuta atenta e sensível, como se fosse possível a suspensão de todos os julgamentos na medida em que se abria o espaço para que pudessemos simplesmente Ser, com as nossas imperfeições e medos.

Para mim foi uma grande felicidade ter participado da oficina. Aprendi bastante e sou imensamente grato pela experiência. Tive contato com narrativas belíssimas, profundas, e que me proporcionaram reflexões que ainda ressoam, e que irão ressoar por muito tempo.

As contribuições que os (as) colegas fizeram em relação à pesquisa que estou

desenvolvendo, vieram como luzes coloridas a me conduzir por itinerários metodológicos mais assertivos e perfumados. Deste modo, a experiência da oficina foi, sobretudo, um momento poético. Como se a poesia tivesse pedido licença à prosa da vida para manifestar os aromas de sua arte.

Durante o evento vivemos a arte, o encontro e as partilhas que tanto edificam o caminho das nossas vidas. Percebi que tecer as nossas narrativas de vida pessoal e fazer com que elas mergulhem nos nossos esforços acadêmicos, longe de ser menos científico, nos faz mais genuínos em nosso ofício. Aprendi que romper com barreiras construídas e impedimentos artificiais é uma forma de sermos mais verdadeiros com nós mesmos e com nossos pares, contribuindo com a construção de um saber científico mais humano, que carrega a autenticidade de nossa alma. Isso nos convida a imaginar que os caminhos da pesquisa acadêmica também podem nos conduzir através de itinerários menos rígidos, mais poéticos, com tessituras perfumadas.

Patrícia Rilliane Gomes da Silva

“Um exercício excepcional que a universidade deve deixar de atropelar”

A oportunidade de participar dessa oficina mediou várias transformações em mim, além do prazer de conhecer à professora e a todos que estavam lá presentes. Há dez anos, estou na vida acadêmica e, simplesmente, essa foi a primeira vez que encontrei um momento e espaço para ouvir e ser ouvida de verdade acerca dos sentimentos que atravessam nossas vidas como pesquisadores. O único momento no qual podemos falar sobre nossas motivações e sobre o caminho que nos levou à pesquisa é a qualificação, porém, muito timidamente, porque o que importa é um projeto que deve ser julgado como se não existisse algo de humano nele. Assim, acreditamos que é necessário apagar os vestígios de nós mesmos naquilo que exigiu muito do nosso tempo, da nossa dedicação e, sobretudo, do que nós somos.

Fui a última a fazer o relato, então, pude escutar a todos antes de falar. Cada um tinha motivações particulares indissociáveis de sua história de vida, logo, eram suas histórias que fortaleciam ou moviam a passagem de todos pela universidade ou pela pesquisa. Foi como se buscássemos responder às seguintes perguntas básicas: o que estou estudando? Por que estou estudando? E para quê? E a resposta estivesse no que há de mais profundo em nós. O exercício foi excepcional em virtude do fato de que a universidade atropela esse momento filosófico crucial, como se ele não importasse. Ao ouvir aquelas pessoas, apesar de terem histórias e motivações diferentes das minhas, notei que são muitos os fios condutores que tecem quem somos, e que é justamente essa multiplicidade que nos liga, pois é possível pegar carona em um desses fios para pensar sobre as indagações acima citadas.

Dessa forma, no momento do meu relato, puxei um desses fios soltos e falei sobre como cheguei à universidade, sobre minha obsessão por este lugar e sobre o que significa, para mim, estar lá. Conhecer esse mundo foi quase como conhecer um mundo encantado, no qual eu poderia ser uma mulher livre para fazer muitas coisas e não resumir minha vida a ter filhos, cuidar da casa e do marido. Minha mãe, mesmo não sabendo ler, sempre me falou do estudo como uma promessa que levaria a tal liberdade, movida por essas palavras, sempre me dediquei ao estudo. Todas as escolas pelas quais passei eram públicas, sucateadas e amajoria dos alunos não tinham a menor noção do que seria uma universidade ou a menor perspectiva de entrar em uma. Na verdade, eu também não tinha, mas eu sabia que queria

continuar a estudar, então, com o apoio de um professor, consegui pular o muro que cerca a universidade e ver o que tinha do outro lado.

Para ser breve, a oficina foi um momento de muitas perturbações, crescimento e deliciosas provocações.

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano

“Uma oficina de biobordados”

Quando pessoas se juntam em um processo de falar do que as move, escutar como isto ressoou no e na outra, e escutar o que move o e a outra, o que se inaugura ali é um bordado de narrativas de desejos de vidas.

Uma oficina de biobordados, onde a agulha é colocada em movimento, e as narrativas vão compondo um produto indeterminado, mas coletivo, que vai usar as linhas de singularidade de cada um e cada uma.

Agulha que se faz instrumento de bordado, mas também de furo, e fura as bolhas sociais que vão se deparando com outras realidades e outras operações de fazer ciência, de experienciar experiência.

Os resultados de uma intervenção como esta, onde podemos sentir o cenário da construção das experiências e anseios dos e das demais, é um formatar de si, formatar de esperanças de elaboração de si, das sensações de si.

Novos olhares sobre as histórias. Novas escutas sobre as histórias. É isto que acontece quando o corpo se possibilita a partilha. Uma manta, uma colcha de retalhos feita a mãos diversas, que agora fazem imagem e coberta de um corpo.

Os feitos do momento diante disto, é a condensação dos afetos da partilha coletiva. Lágrimas. Sorrisos. Euforia. O transcorrer diante cada nova tecedura que aparece, e a presença do novo que vem nas mãos das palavras de cada um e cada uma.

O posterior do processo é admiração de poder participar de uma confecção singular, e saber que ali estão também traços seus. O impacto do que é acolhido. O impacto de ser acolhido.

Uma biobordagem que se finca com os efeitos de marca eterna no perdurar de uma vida, que ganhará asas para outras e outras. Este é o registro que carrego e que pretendo realizá-lo em partilhas.

Uma escrita implicada onde os realces dizem de um começo em si, que se desdobra no mundo, no desejo de fazer perguntas e percursos de dúvidas escritas do mundo. O toque da importância do escutar do outro.

É isto que é possível frente ao desejo de partilha. Diante de uma oficina de biobordados, de bioafetos, de bioregistros.

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano, Natal, 2022.

NOTAS FINAIS

Tal como os testemunhos dos.as participantes das oficinas realizadas na UFRN revelam, a experiência de trabalho biográfico em grupo é marcante sob diversos pontos de vista e de várias maneiras. As oficinas formam, transformam e levam a novas ações pensadas em coletivo para o coletivo, fazendo cada participante beneficiar dessa expansão de conhecimento e interação.

No âmbito das ciências sociais, como área de investigação e de formação, esta experiência tem-se revelado particularmente pertinente no seu formato, conteúdos e resultados das oficinas, aí sendo mesmo diagnosticada uma falta que urge colmatar nos programas curriculares dos cursos e pós-graduações. Faz falta o trabalho biográfico mediado por quem tem o respetivo saber e experiência, faz falta o espírito de grupo e de solidariedade na academia, faz falta a humanização da produção de conhecimento.

Com efeito, em áreas vocacionadas para o social, cultural, artístico e simbólico como as ciências sociais e as humanidades, é de elementar coerência teórico-prática a formação nos estudos biográficos com métodos biográficos. Há uma mudança de paradigma a praticar, que implica novas formas de comunicar na diferença, de interrelacionar temas e pessoas, de aprender em círculo e na horizontalidade, a partir das posicionalidades de cada sujeito social, respeitando os tempos, momentos, referências de cada um.a.

Tanto no sentido estrito do respeito ao Outro, como numa ética global da hospitalidade, as oficinas biográficas criam verdadeiros ensaios práticos de cidadania, espaços de encontro de perspectivas e de vivências (e de ‘escrevivências’), que melhor contribuem para a humanização da Ciência, para uma produção de conhecimento com consciência. Desta maneira, este livro, traz em conjunto o nosso enquadramento teórico sobre a dimensão coletiva do trabalho biográfico e narrativo, com as expressões e reflexões de quem passou pela experiência de participação nas oficinas biográficas de projeto em Natal.

Acreditamos dar assim um contributo para a divulgação da potência deste nosso trabalho, na teoria e na prática, deixando o convite a todos os leitores para virem conhecer o método diretamente, na pele.

Esta obra foi composta na fonte Times New Roman
e diagramada em junho de 2024.